

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290001292



FE

TCC/UNICAMP P281c

874714088

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”

Monitoras de creche: um olhar para si

THATIANA ROBERTA PAULA

ORIENTADORA: PROF^a DR^a ANA LÚCIA GOULART DE FARIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do diploma de Pedagoga do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria.

**CAMPINAS, SP
2004**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE	F. E
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	P281c
V:	
TOMPO	1292
PROC	117/2004
C:	F. X
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	29, 10, 04
Nº CPD	BIB.D.325D32

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

Paula, Thatiana Roberta
P281c "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...": monitoras de creche :
um olhar para si / Thatiana Roberta Paula. – Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientador: Ana Lúcia Goulart de Faria.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Pedagogia da Educação Infantil. 2. Professores – Formação. 3. Creches.
4. Educação infantil. 5. Monitoras de creche. I. Ana Lúcia Goulart de Faria. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-121-BFE

Agradecimentos

A todos os funcionários do CEMEI Matilde Azevedo Egídio Setúbal, em especial a todas as monitoras, que deram voz e vida a este trabalho.

A orientadora Ana Lúcia Goulart de Faria, pelo aprendizado e incentivo em cada conversa e por me fazer acreditar e me apaixonar ainda mais pela Educação Infantil.

Ao Grupo de Estudos em Educação Infantil (Sub-Grupo do GEPEDISC-FE), no qual compartilhamos nossas dúvidas, experiências, descobertas e aprendemos umas com as outras.

A Maria José Figueiredo Ávila, pela atenção dedicada a este trabalho e pelas sugestões que o enriqueceram.

A todas as minhas amigas que estiveram presentes em todos estes anos:

Eunice, Fabiana N., Fabiana C., Jane, Lígia, Cristiane, Elaine C., Elaine M., Patrícia, Márcia, Sabrina, Renata e Camila.

Dedicatória

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa

Dedico este trabalho aos meus pais, Tânia e Sidnei, ao meu irmão Thiago e ao meu noivo Júnior, por serem pessoas incomparáveis e fazerem parte deste momento inesquecível.

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PROCEDIMENTOS.....	12
2.1. O CAMINHO PERCORRIDO	13
2.2. POR QUE A ESCOLHA DESTES CAMINHOS?	14
2.3. OS MÉTODOS DE COLETA DE DADOS: OBSERVAÇÃO, ENTREVISTA E ANÁLISE DOCUMENTAL.....	16
2.3.1 <i>A observação</i>	16
2.3.2 <i>As entrevistas</i>	17
2.3.3 <i>A análise documental</i>	17
3. CONHECENDO O CENÁRIO DA PESQUISA	19
3.1. LOCALIZAÇÃO NO TEMPO	20
3.2. ...E NO ESPAÇO	21
3.3. HISTÓRIA DO CEMEI.....	22
3.4. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	24
3.5. COMPOSIÇÃO FÍSICA.....	26
3.6. COMPOSIÇÃO HUMANA.....	30
3.6.1 <i>As crianças</i>	30
3.6.2 <i>As famílias</i>	33
3.6.3 <i>As profissionais</i>	34
3.6.4 <i>O Conselho de Escola</i>	35
4. MONITORA DE CRECHE: UMA PROFISSÃO QUE ESTÁ SENDO CONSTRUÍDA	37
4.1. QUEM SÃO ELAS?.....	38
4.2. A BUSCA PELAS IDENTIDADES PROFISSIONAIS	44
5. CADA UM SABE A DOR	53
OS ASPECTOS CANSATIVOS E AS INSATISFAÇÕES PROFISSIONAIS DAS MONITORAS DE CRECHE	54
6. ... E A DELÍCIA DE SER O QUE É	60
OS ASPECTOS GRATIFICANTES DESTA PROFISSÃO	61
7. COMO SERÁ O AMANHÃ, RESPONDA QUEM PUDE!	64
AS EXPECTATIVAS DESSAS PROFISSIONAIS	65
8. CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO... ..	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
9. BIBLIOGRAFIA	73
10. ANEXOS	78
ANEXO I: PLANTA DO CEMEI “MATILDE AZEVEDO EGÍDIO SETÚBAL”	79
ANEXO II: QUADRO DO PERFIL DAS MONITORAS	80
ANEXO III: MÓDULOS ADULTO/CRIANÇA ANTES DA JORNADA REDUZIDA.....	81
ANEXO IV: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	82
ANEXO V: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	84

ANEXO VI: REGIMENTO COMUM DAS UNIDADES SÓCIO-EDUCACIONAIS (1994).....	86
ANEXO VII: DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS – 31/03/04	88
ANEXO VIII: DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS – 20/04/04	89
ANEXO IX: BIBLIOGRAFIA SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE/GÊNERO	90

1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo principal valorizar uma profissão que está sendo construída não só aqui no Brasil mas no mundo todo, e que especificamente no município de Campinas são chamadas de monitoras de creche.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o estudo de caso, em um CEMEI - Centro Municipal de Educação Infantil -, no município de Campinas.

É uma profissão que está sendo construída, porque apesar de muitas monitoras trabalharem com crianças em creches há mais de vinte anos, somente quando a creche, que pertencia a Secretaria de Promoção e Assistência Social, passou para a Secretaria da Educação é que a criança passou a ser enxergada como um ser inteiro, capaz de produzir cultura, no qual não bastava apenas o cuidado, e começaram a exigir destas profissionais não mais requisitos de “babá”, mas sim de uma educadora, no qual educar e cuidar são indissociáveis. O cuidar e educar são sempre indissociáveis, tanto na esfera pública, como na privada, o que os diferencia é que na esfera pública o cuidar e educar torna-se profissional.

Esta mudança fez com que estas profissionais modificassem suas identidades e especificidades nesta profissão, pois a sua função não era mais apenas zelar pela saúde e bem-estar da criança, mas também não tinham uma formação e nem um preparo para educarem esta “criança por inteiro”. Por isso ainda hoje, é uma profissão que está sendo construída, valorizando as profissionais e as crianças, partindo da também construção da Pedagogia da Educação Infantil, onde a criança produz cultura e o papel do adulto é organizar o tempo e o espaço para que esta produção ocorra.

A Pedagogia da Educação Infantil surge com o estatuto do questionamento do objeto da Educação Infantil, que é a própria educação da criança de 0 a 6 anos em instituições coletivas de educação e cuidado. Busca revelar os fundamentos epistemológicos subjacentes a essas práticas e a constituição da criança como um ser histórico, cultural social. (Ávila, 2002, p.7)

Outra questão relevante para esta pesquisa foi o estudo sobre a carreira das monitoras de creche, desde a Secretaria da Promoção Social até hoje.

Estas profissionais vêm lutando por melhores condições de trabalho, formação qualificada e valorização profissional desde a época em que as creches pertenciam à Secretaria da Promoção Social.

Os dados deste estudo foram obtidos através de entrevistas com as monitoras e administradora da creche pesquisada; outra fonte importante para esta pesquisa foi o TCC (trabalho de conclusão de curso), da Elizabeth Silva; A carreira e a formação das monitoras de creche do município de Campinas, que fez em 2002 uma pesquisa documental e detalhada sobre a carreira das monitoras de creche de Campinas.

As monitoras que foram contratadas para trabalhar na creche no período da Promoção Social – a maioria desta creche – passaram por um teste teórico e prático, no qual era exigido apenas saber escrever o nome, e foram contratadas como zeladoras. A função que exerciam era escolhida pela assistente social, que era quem administrava e organizava o espaço e as funcionárias da creche; esta não permanecia todos os dias na creche, pois era responsável por mais de uma creche. A administradora da creche, que também era escolhida pela assistente social, dentre as zeladoras que mais se destacavam, ficava responsável diariamente por administrar o pessoal e a documentação da creche.

As funcionárias não tinham o direito de escolher a função que gostariam de exercer e aquelas que trabalhavam com crianças, também não escolhiam a turma que trabalhariam, tudo era escolhido pela assistente social e pela administradora. Todas podiam exercer todas as funções quando necessário, portanto, a maioria não cuidava apenas das crianças, mas muitas vezes eram faxineiras, cozinheiras e lavadeiras. Devido esta simultaneidade de atividades, acabava ocorrendo uma indiferenciação profissional, dificultando a construção das identidades destas profissionais.

Estas antigas monitoras faziam alguns cursos de recreação e treinamento que ensinavam como trabalhar com crianças, promovidos pela Administração Pública.

Todas as atividades eram voltadas ao cuidado e a recreação, como lembrou a administradora de creche durante a entrevista:

Os brinquedos vieram com a Educação, era mais o cuidado, e as brincadeiras eram com bola, corda, carrinho, boneca e de roda.

(10/03/2004)

Hoje, infelizmente, observando o dia-a-dia da creche durante a pesquisa, pude constatar que há pouco resgate destas brincadeiras que muitas vezes eram brincadeiras da infância destas profissionais, que devido à escolarização precoce e a cópia do modelo escolar com a passagem das creches para a Educação, tais brincadeiras deixaram de ser prioridades e muitas vezes desapareceram.

Como este modelo de creche privilegiava o cuidado e assistência na perspectiva da criança, havia uma enfermeira dentro da creche, médico uma vez por semana que cuidava das vacinas e dentista uma vez por ano.

Somente as mães que comprovavam que trabalhavam é que tinham direito à creche, devido a isto não faltavam vagas.

A creche funcionava de segunda à sexta, das 7:00 hs. às 19:00 hs. e aos sábados das 7:00 hs. às 18:00 hs.

O fim do trabalho aos sábados foi a primeira luta destas profissionais; como lembra a monitora Benedita esta conquista aconteceu no dia 26 de Janeiro de 1989.

A transição das creches da Secretaria de Promoção Social para a Secretaria de Educação, ocorreu em 1989, cumprindo com a Constituição de 1988 e mais adiante com a Lei Orgânica do Município, em 1990.

Segundo Silva (2002), *com o assentamento na Lei Orgânica, a partir de 1990, as mulheres que trabalhavam com as crianças na creche passaram a se chamar monitoras. (p.40)*

Neste mesmo ano, as monitoras passaram a ser admitidas por concurso público, no qual era exigido apenas o Ensino Fundamental; mesmo passando para a Educação, as crianças pequenas de 0 a 3 anos, ainda não conseguiram conquistar a importância e a valorização necessária, deixando de lado mais uma vez a formação específica destas profissionais.

Mesmo com esta deficiência, Campinas assumiu um modelo avançado de educação às crianças pequenas, modelo este que foi conseguido pela cidade de São Paulo somente dez anos depois.

Comparado a outros, o município de Campinas, através do assentado da Lei Orgânica, assume um modelo de atendimento às creches de 0 a 6 anos extremamente avançado (...). Assim, Campinas, após passados dois anos da Constituição de 1988, já em

1990 regularizou em relação ao que explicava a Constituição, a situação da Educação Infantil, pelo menos no que se refere à organização dos equipamentos, através de uma lei para tal.
(Guadagnini, apud Silva, 2002, p.42)

Outra reivindicação desta categoria, que já dura mais de dez anos, é pela redução da jornada de trabalho, de 8 horas diárias com crianças para 6 horas diárias, por ser um trabalho extremamente cansativo, tanto emocionalmente quanto fisicamente.

Foram muitos debates, muitas discussões e finalmente no dia 30 de março de 2004, durante a realização desta pesquisa, as monitoras conquistaram o benefício da redução da jornada de trabalho, que passou de 36 horas semanais para 32 horas.

De acordo com o Diário Oficial do dia 31 de março de 2004¹:

Pelo menos 870 monitoras e monitores de educação infantil de 62 creches municipais de Campinas serão beneficiados, a partir de 3 de maio, com a redução de jornada de trabalho de 36 para 32 horas semanais. (p.2)

Porém, como nada é fácil para esta profissão, esta vitória está sendo um pouco frustrante, pois foram colocadas durante a discussão que foi realizada na Academia Campinense de Letras, com a participação de monitores, sindicato, diretores e Secretaria de Educação e Recursos Humanos, no dia 30 de março, algumas condições para que houvesse esta redução da jornada de trabalho. Algumas das condições impostas foram, o remanejamento das profissionais, pois com a diminuição da carga horária a Prefeitura teria que contratar mais monitores, porém não tendo recursos para isto foi feito um remanejamento, as monitoras limitadas² só poderão trabalhar com crianças do Agrupamento III , de 4 a 6 anos.

¹ Ver Anexo VII

² Monitoras limitadas são aquelas que por algum motivo de saúde não podem trabalhar com crianças menores de 4 anos.

Só têm direito a redução de jornada de trabalho, as monitoras que trabalham diretamente com crianças, as monitoras que estão readaptadas³ continuarão com a jornada de trabalho de 36 horas semanais.

Outra condição foi a mudança do Módulo adulto/criança, segundo o Diário Oficial, do dia 20 de abril de 2004, resolução SME/SMRH nº 02/2004:

Art.2º - Os módulos de atendimento nas Unidades Educacionais serão assim organizados:

I – Oito crianças de três meses a um ano e quatro meses de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

II – Doze crianças de um ano e cinco meses a dois anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

III – Dezesesseis crianças de dois anos a três anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

IV – Dezoito crianças de três anos a quatro anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

V – Trinta crianças de quatro anos a seis anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho.

Podemos notar que houve um aumento significativo, e desrespeitoso, tanto com o profissional, quanto com a criança, veja o quadro abaixo⁴:

³ Monitoras readaptadas são aquelas que por algum motivo de saúde não podem mais trabalhar diretamente com crianças, e exercem outra função no CEMEI.

⁴ Ver Anexo III sobre os módulos antes e anexo VIII sobre os módulos com a mudança.

Turma	Nº de crianças para cada adulto antes da jornada reduzida	Nº de crianças para cada adulto com a mudança
Agrupamento I A	5	8
Agrupamento I B	7	12
Agrupamento II A	12	16
Agrupamento II B	15	18
Agrupamento III A	30	30

Isto mostra mais uma vez o descaso da Administração Pública com a Educação Infantil, e com o profissional da educação, pois em troca da diminuição da jornada de trabalho mudou-se o módulo adulto/criança, sem qualquer aviso prévio ou discussão sobre essa mudança com a categoria, mudando conseqüentemente todo o planejamento da creche, assim como o modo de trabalhar com cada turma.

Durante a pesquisa pude observar que as monitoras estão se adaptando a esse novo jeito de trabalhar, porém estão muito insatisfeitas quanto este novo módulo.

Estas são algumas questões que deveriam ser discutidas pela categoria e pelo sindicato, pois a luta não é somente pela diminuição da jornada de trabalho, mas para uma educação de qualidade nas creches públicas, que respeite tanto o profissional, como as crianças e suas famílias.

Apesar destas condições, as monitoras consideram esta diminuição da jornada de trabalho uma conquista, como disse a monitora Benedita:

Acho que foi um avanço. Antes trabalhávamos de sábado, ficávamos até a noite.

Nada se conquista da noite para o dia.

(Entrevista – 08/04/2004)

Todas as monitoras, durante as entrevistas e conversas informais acreditam que seu trabalho será realizado com mais qualidade e terão mais tempo para investir na formação, já que duas horas semanais serão destinadas à formação continuada.

Segundo o Diário Oficial, do dia 20 de abril de 2004, resolução SME/SMRH nº 02/2004, Art.1º:

3º - As duas horas semanais destinadas à formação continuada poderão ser realizadas em grupos de estudos, grupos de trabalho, cursos e reuniões pedagógicas nas Unidades Educacionais, nos Núcleos de Ação Educativa Descentralizadas – NAED's e/ou em nível central.

4º - As duas horas de estudo de que trata o parágrafo anterior desta resolução não poderão ser realizadas de forma parcelada.

Durante esta pesquisa pude acompanhar esta mudança de perto, no CEMEI pesquisado esta transição foi muito tranqüila e nenhuma profissional precisou ser remanejada, pude também observar a alegria e o entusiasmo no trabalho com a diminuição da jornada.

Outra luta desta categoria é pela elaboração de um Estatuto próprio, pois pertencem ao Estatuto do Servidor Público, ficando portanto sem o direito de serem reconhecidas como educadoras e sem o direito a uma formação específica.

Esta questão vem sendo discutida amplamente nos Congressos Municipais de Educação, realizados uma vez por ano em Campinas. Este é um assunto que gera bastante polêmica, pois algumas acreditam que as monitoras devem pertencer ao Estatuto do Magistério e outras querem a criação do próprio Estatuto.

Segundo Silva (2002), O Estatuto Próprio da Monitora, foi aprovado na Plenária Final do II Congresso em 2002, mas não tinha ocorrido nenhuma mudança quanto à regulamentação profissional das monitoras, visto que, a proposta de redução de jornada também ainda não tinha ocorrido.

Portanto, podemos observar que houve um avanço quanto esta questão, dois anos depois, esta categoria conseguiu conquistar a redução da jornada de trabalho, ficando agora a luta por um Estatuto Próprio e por uma creche que valorize e respeite as crianças e as profissionais.

Como apontou Silva (op.cit.)

A insistente e constante luta e reivindicação das monitoras enquanto uma categoria organizada na luta por seus direitos trabalhistas é imprescindível

*no quadro atual das (os) profissionais da educação
não só em Campinas como em todo país. (p.52)*

Dentro desta trajetória de lutas, estão os anseios, as expectativas, as alegrias e insatisfações destas profissionais, e esta pesquisa teve como seu foco principal retratar esta profissão através do próprio olhar das monitoras. Qual a imagem que elas têm da sua profissão, quais aspectos são gratificantes, cansativos e quais são suas expectativas.

Este é um tema pouco estudado aqui no Brasil e por isso busquei a bibliografia italiana traduzida em português para delinear esta pesquisa.

A bibliografia italiana é utilizada não como um modelo a ser copiado, mas como uma inspiração, por apresentar uma vasta publicação sobre Educação Infantil e por ser a Itália, segundo Faria (1998) o país que através da rede pública melhor cuida e educa suas crianças pequenas.

Um dos livros estudados foi Manual da Educação Infantil – de 0 a 3 anos, organizado por Anna Bondioli e Susanna Mantovani, que contém artigos riquíssimos de vários autores, com certeza um livro de cabeceira para todas as educadoras de creche que estão procurando uma formação de qualidade.

E o livro que me serviu como fonte de inspiração: A educadora de creche – construindo suas identidades, das autoras Bárbara Ongari e Paola Molina. Este livro apresenta uma investigação em diferentes cidades italianas sobre a profissionalização do educar e cuidar na esfera pública e a construção das identidades da educadora de creche com a “dupla presença” e a “dupla experiência”. Foram entrevistadas várias educadoras de diferentes regiões da Itália, através de entrevistas abertas e um amplo questionário, sobre quem são essas educadoras, quais imagens profissionais (aspectos cansativos, gratificantes e expectativas) possuem, que avaliação fazem da creche como serviço público, como vivem a “dupla presença” de mulheres e trabalhadoras, quais competências acham que uma boa educadora de creche deve possuir. A análise dos dados mostrou diferenças de percepção das educadoras de creche em relação às trajetórias pessoais e profissionais dependendo da região em que a creche estava localizada, porém os dados mostraram uma enorme homogeneidade sobre como elas concebem o trabalho, a profissão, a relação com as crianças e o relacionamento com a administração pública. Mais do que isso, o livro nos permite uma reflexão sobre esta

profissão que está sendo construída e uma discussão sobre uma formação específica que consiga contemplar todas as características desta nova profissão.

Vale ressaltar que a pesquisa italiana teve uma abrangência muito maior, e que esta presente pesquisa é muito mais modesta, pois analisa apenas um CEMEI do município de Campinas, porém não menos preocupada com uma formação de qualidade para as nossas educadoras.

No Brasil uma publicação que é referência para a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil é o documento do MEC, escrito por Maria Malta Campos e Fúlvia Rosenberg, em 1995; "Critérios de atendimento para uma creche que respeite os direitos fundamentais da criança". Esta publicação deveria ser fonte de leitura obrigatória para todos os profissionais que trabalham com educação infantil e que primam pela sua qualidade.

Outra pesquisadora importante que foi estudada neste trabalho de conclusão de curso e que contribui para a construção da Pedagogia da Educação Infantil e que vem trazendo para o Brasil as novas contribuições da Itália é Ana Lúcia Goulart de Faria, considerada por ela mesma como pesquisadora, criançaóloga e também criancista.

Algumas pesquisadoras da Faculdade da Unicamp, também contribuíram para a elaboração da minha pesquisa através dos trabalhos de conclusão de curso e dissertação, são elas: Ferreira (1996), Fernandes (2000), Silva (2002) e Ávila (2002).

Ávila (op.cit), que é também professora de educação infantil na rede municipal de Campinas, pesquisou em um CEMEI as práticas educativas das professoras junto às crianças pequeninhas de 0 a 3 anos, com o objetivo de descrever, analisar e discutir as atividades profissionais no contexto de relações entre as monitoras de Educação Infantil e as crianças. Ávila, também baseou-se nas pesquisas das italianas Ongari e Molina em seu estudo. Esta pesquisa contribuiu para o meu TCC com a discussão, reflexão e na relação das práticas das monitoras das diferentes CEMEI's pesquisadas.

Este estudo pretende contribuir na discussão e reflexão sobre formação das profissionais da educação infantil e na construção de suas identidades.

Ao longo dos capítulos procurei evidenciar *a dor e a delícia de ser o que é...* destas profissionais, buscando sempre a sua valorização.

No Capítulo 2, descrevi o caminho percorrido de toda a pesquisa e os instrumentos utilizados, que foram o estudo de caso, as entrevistas, o diário de campo e a análise de documentos.

No Capítulo 3, está o cenário da pesquisa, situando-o no tempo e no espaço, com a descrição de toda a sua composição física e humana.

Nos capítulos seguintes inicia-se a discussão sobre o que é ser uma monitora de creche.

No Capítulo 4 - Monitora de creche: uma profissão que está sendo construída, há uma discussão sobre a construção desta profissão e a busca pelas suas identidades, onde o educar e cuidar são indissociáveis.

Nos capítulos que se seguem – 5, 6 e 7 são discutidos os aspectos desta profissão que dão nome a esta pesquisa, são eles: aspectos cansativos e as insatisfações, os aspectos gratificantes e as expectativas destas profissionais, através do seu próprio olhar, relacionando sempre com a pesquisa realizada com as educadoras italianas, já citada anteriormente. Vale lembrar que estes são aspectos pouco pesquisados em nossa área educacional, porém é um assunto que necessita ser estudado profundamente, contribuindo assim para uma formação de qualidade destas profissionais que atuam com crianças pequenininhas.

O Capítulo 8 – Considerações finais, não tem a menor pretensão de encerrar e nem concluir o assunto, ao contrário, traz uma reflexão dos capítulos anteriores, buscando sempre uma discussão acerca da formação das profissionais da educação e da construção da Pedagogia da Educação Infantil, com a expectativa de abrir espaço para mais pesquisas nesta área, com novas temáticas apaixonantes.

2. Procedimientos

2.1. O caminho percorrido

Como é difícil escolher um caminho quando tantos outros parecem ser igualmente interessantes. Abraçar um só tema e se aprofundar somente nele, confesso, que no começo me deixou com um sentimento de impotência. Quanto mais me aprofundava no tema escolhido mais encontrava outros tantos assuntos interessantes, porém não podia desviar do meu tema principal, como foi difícil direcionar meu olhar a um só caminho.

O assunto escolhido foi sobre as monitoras de creche da rede pública do município de Campinas. Este interesse surgiu quando ingressei através do Concurso Público de 2000 nesta mesma creche pesquisada, como professora efetiva de Educação Infantil. Foi minha primeira experiência profissional, já que acabara de me formar no Magistério, a primeira turma foi o Maternal I e II (crianças de 2 a 4 anos), e trabalhava em conjunto com oito monitoras divididas entre as duas turmas.

Foram estas monitoras que me inseriram neste ambiente complexo que é a creche e que me ensinaram muitas coisas sobre crianças pequenininhas.

Devido esta convivência e observando os conflitos vividos por estas profissionais, que ao longo da história foram perdendo sua identidade e a especificidade de sua profissão, que escolhi este assunto tão pouco pesquisado. As questões que me ajudaram a direcionar meu olhar foram: Qual a imagem que as monitoras tem da sua profissão, de si mesma, do seu relacionamento com as crianças, com os pais, com seus pares, com os outros funcionários e com a administração pública?

Decidi procurar para minha orientação do TCC, a prof^a Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria, uma das professoras da Faculdade de Educação da Unicamp especialista e pesquisadora em Educação Infantil. Conversamos, e a prof^a aceitou me orientar, então comecei a participar do GEPEDISC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Diferenciação Sociocultural), grupo de pesquisa da FE - Unicamp, onde o subgrupo de Educação Infantil é coordenado pela Prof^a Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria.

Neste grupo pude entrar em contato com a bibliografia brasileira sobre as profissionais de Educação Infantil e sobre a educação e o cuidado das crianças de 0 a 6 anos e conhecer a bibliografia italiana, que tive um encantamento especial sobretudo com um livro que me serviu como fonte de inspiração: Educadora de

Creche, das autoras italianas, Paola Molina e Barbara Ongari, já comentados na Introdução.

Lendo este livro, percebi que as indagações das autoras eram as mesmas que as minhas, “empolgada” procurei basear minha pesquisa nele, porém a minha orientadora “me chamou a terra”, aconselhando-me a escolher apenas uma faceta desta profissão, pois era uma pesquisa muito extensa e complexa para um TCC. Novamente me vejo na difícil missão de escolher um só caminho, de direcionar meu olhar.

Como um dos objetivos da pesquisa é investigar a profissão das monitoras através do seu próprio olhar e as imagens que têm da sua prática, resolvi direcionar meu olhar através de aspectos pouco pesquisados como, as expectativas, as insatisfações e os aspectos gratificantes desta profissão. Porém, antes de abordar estes aspectos faço um pequeno percurso histórico sobre as lutas desta categoria, desde quando as creches pertenciam a Secretaria de Promoção Social até os dias de hoje, culminando com a conquista da diminuição da jornada de trabalho, de 36 horas semanais com crianças para 30 horas com crianças e 2 horas específicas para formação.

Depois de todo este processo, enfim consigo direcionar meu olhar e reformular meu objetivo principal, que continua sendo contribuir para a discussão e reflexão sobre esta nova profissão. Outros aspectos desta profissão tão complexa e como diz Faria (2003), “profissão que está sendo inventada agora”, espero contemplar em futuras pesquisas.

O CEMEI pesquisado é o mesmo onde trabalho, e foi escolhido devido a intimidade e conhecimento do dia-a-dia destas profissionais, facilitando o contato necessário ao pesquisador, porém é necessário fazer o tempo todo o exercício de “distanciamento e estranhamento do que nos é conhecido e familiar”. (Gusmão,2001)

O caminho escolhido para realizar esta pesquisa foi a abordagem qualitativa, através de um estudo de caso e como métodos de coleta de dados: a observação, a entrevista e a análise documental.

2.2. Por que a escolha deste caminho?

A pesquisa qualitativa está sendo muito utilizada na área de educação, por se tratar de uma metodologia que “*tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento*”. (Bodgan e Biklen, apud Lüdke e André, 1986, p.11)

Devido esta pesquisa ter como objetivo investigar a perspectiva das monitoras quanto à suas expectativas, insatisfações e aspectos gratificantes da sua prática profissional e utilizar o próprio ambiente de trabalho das monitoras para a observação e coleta de dados, o melhor caminho a escolher foi a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. (Bodgan e Biklen, apud Lüdke e André, 1986, p.13)

Entre os vários tipos que uma pesquisa qualitativa pode apresentar, o escolhido para esta pesquisa foi o estudo de caso.

O estudo de caso foi escolhido por se tratar de uma pesquisa que como o nome já diz, estuda um caso específico, singular, que tem valor em si mesmo. Outros motivos que me influenciaram a escolher o estudo de caso foram apontados por Lüdke e André (1986):

Os estudos de caso visam à descoberta (p.18) (...) enfatizam a "interpretação em contexto" (p.18) (...) buscam retratar a realidade de forma completa e profunda (p.19) (...) usam uma variedade de fontes de informação (p.19) (...) procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social (p.20) (...) utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (p.20).

O meu estudo de caso é sobre a perspectiva das monitoras que trabalham em uma única creche, quanto à suas imagens profissionais.

A preocupação central ao desenvolver esse tipo de pesquisa é a compreensão de uma instância

singular. Isto significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada. (Lüdke e André, 1989, p.21)

2.3. Os métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental.

2.3.1 A observação

Como o local da pesquisa é o mesmo local onde eu trabalho, utilizava todo o tempo em que permanecia na creche para observar tudo que me parecia relevante, devido à este fato, em nenhum momento a minha observação interferiu no contexto pesquisado.

Porém, como citado anteriormente foi preciso muita atenção para não desviar o foco, o olhar precisa estar treinado, segundo Oliveira (1994) *“talvez a primeira experiência do pesquisador de campo esteja na domesticação do seu olhar”*, principalmente quando se está muito envolvido no contexto pesquisado. Por isso foi necessário fazer um roteiro de observação.⁵

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. (Lüdke e André, 1989, p.25)

O foco da observação foi o relacionamento das monitoras com as crianças, com os pais, com a direção, com seus pares, com os funcionários e com as professoras, percebendo os momentos gratificantes, de insatisfações e as expectativas.

Os dados coletados durante a observação foram registrados no diário de campo, e depois utilizados para análise dos dados.

⁵ Ver Anexo IV

...Os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale dizer, que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto.
(Oliveira, 1994, p.27)

2.3.2 As entrevistas

Ao lado da observação, a entrevista é o instrumento básico para que se realize uma pesquisa qualitativa.

A técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada⁶ e o registro foi feito através do gravador.

Foram entrevistadas as monitoras e a administradora da creche no próprio CEMEI, com o objetivo de investigar a história do CEMEI, a história da carreira da monitora na cidade de Campinas e como as monitoras vêem o seu próprio trabalho e sua profissão. Foram entrevistadas todas as monitoras, com exceção da monitora que está de licença.

Não houve nenhum tipo de restrição quanto às entrevistas, todas se disponibilizaram à ajudar, aproveitou o momento para agradecê-las.

Esta técnica foi empregada nesta pesquisa devido:

A grande vantagem da entrevista sobre as outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (Lüdke e André, 1986, p.34)

2.3.3 A análise documental

Os documentos foram utilizados nesta pesquisa como complemento das técnicas citadas anteriormente.

⁶ Ver Anexo V

Foram utilizados como documentos: leis, Diário Oficial, registro da primeira inauguração da creche, livro sobre os relatos da carreira da monitora de creche, jornais.

Todas estas técnicas foram utilizadas para a análise dos dados coletados, esta análise ocorre durante todo o processo de investigação, porém se torna mais efetiva e formal após o encerramento da coleta de dados.

O resultado desta análise originou os capítulos seguintes desta pesquisa.

Mas se o Olhar e o Ouvir podem ser considerados como os atos cognitivos mais preliminares no trabalho de campo, é seguramente no ato de Escrever, portanto na configuração final do produto deste trabalho, que a questão do conhecimento se torna tanto ou mais crítica. (Oliveira, 1994, p.15)

3. Conhecendo o cenário da pesquisa

3.1. LOCALIZAÇÃO NO TEMPO ...

O cenário escolhido para esta pesquisa foi o CEMEI “Matilde Azevedo Egídio Setúbal”, no município de Campinas, por se tratar do local de trabalho das monitoras pesquisadas, lembrando que esta pesquisa teve como um dos objetivos ser realizada em uma creche pública, fora do contexto familiar e laboratorial.

Este Cemei foi inaugurado em 1982, na região Sudoeste de Campinas, no bairro Jardim Novo Campos Elíseos, e pertence a uma rede pública que possui atualmente entre CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) e EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) 147 unidades educacionais, que atendem aproximadamente 27 mil crianças de 0 a 6 anos.⁷

A história do atendimento a crianças de 0 a 6 anos, vem se modificando ao longo dos tempos, passando da predominância de um caráter assistencial a um caráter estritamente educacional.

No Brasil, de acordo com Kishimoto (1988) o primeiro Jardim de Infância destinado a crianças de 3 a 7 anos foi instalado em 1875, no Rio de Janeiro, para atender a elite carioca. O Jardim de Infância foi criado por Frederico Guilherme Froebel, em 1840, na Alemanha.

Em Campinas, segundo os TCC's de Tonolli (1996) e Ferreira (1996), o primeiro Parque Infantil para crianças de 3 a 12 anos, foi instalado em 1940, e recebeu o nome de “D. Violeta Doria Lins”, no bairro Cambuí, onde hoje é o Centro de Convivência.

Em 1968, a Secretaria de Promoção Social criou os Centros Infantis Municipais, o primeiro foi o da Vila Tofanelo, segundo Ferreira (1996) *no intuito de amenizar o quadro do abandono infantil, e ao mesmo tempo, atender a mãe oriunda do meio social menos favorecido economicamente.* (p.72)

Em 1981, os “Parques Infantis” passaram a denominar-se “Escola Municipal de Educação Infantil” (EMEI).

Em 1988, foi aprovada pela primeira vez uma lei que reconhece como direito das crianças pequenas, de 0 a 6 anos de idade, o acesso à educação em creches e pré-escolas, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988.

No Cap. III: Da Educação, da Cultura e do Desporto - Art.20

⁷ Estes dados foram obtidos através de um documento produzido pela Secretaria de Educação de Campinas.

O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de:

IV – atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade.

A Constituição de 1988, não reconhece apenas o direito à educação para as crianças pequenas, mas também como um direito do (a) trabalhador (a) urbano e rural.

Em 1989, o atendimento às crianças de creche em Campinas sofre uma transformação importante, as CEMEI'S deixam de pertencer a Secretaria da Promoção Social e passam a integrar a Secretaria da Educação. Esta passagem ocorreu durante a gestão do Partido dos Trabalhadores (1989-1990).

Outras duas leis, também citadas por Ávila (2002)⁸, surgiram para contribuir na educação às crianças pequenas na cidade de Campinas:

- 1) Lei Orgânica do município de Campinas, 1990. Cap.II - Art. 228

O atendimento em creche deverá ter uma função educacional, de guarda, de assistência, de alimentação, de saúde e de higiene, executado por equipes de formação interdisciplinar.

- 2) Lei Municipal 6574/91, que criou o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar.

Não podemos deixar de citar o Estatuto da Criança e do Adolescente, criado em 1990, que como disse Tancredi (2003)⁹ “*muda radicalmente a política para crianças e adolescentes, estes passam a ter proteção integral e são pessoas sujeito de direitos em condição peculiar e prioridade absoluta das famílias, da sociedade e do Estado*” (p.9). E a LDB 9394/96, marco fundamental para a valorização da Educação Infantil, já que a Educação Infantil passa a ser a primeira etapa da educação básica.

⁸ Ávila (2000), é professora de Educação Infantil do Município de Campinas, fez um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI de Campinas, em sua dissertação de mestrado, na FE da Unicamp

⁹ Professora da Universidade Federal de Belém do Pará e doutoranda da FE da Unicamp, participou de uma Mesa Redonda realizada pelo vereador Paulo Búfalo, em 13 de Março de 2003, com o tema “Relatos e Experiências Municipais de Carreira de Monitoras de Creche”.

3.2. ...E no espaço

O CEMEI “Matilde Azevedo Egídio Setúbal”, encontra-se na região Sudoeste de Campinas, no bairro Jardim Novo Campos Elíseos.

Os bairros vizinhos são: Parque Tropical, Jardim Campos Elíseos, Jardim Santa Lúcia e Vila Perseu Leite de Barros.¹⁰

Este bairro conta com infra-estrutura básica: rede de água e esgoto, energia elétrica, asfalto, linhas de ônibus e comércio popular (padaria, açougue, mercearia,...). As casas são de padrão popular, sendo que os núcleos de favelas existentes ficam nas proximidades do CEMEI, e já passam por um processo de urbanização.

Há nas proximidades uma escola estadual de ensino fundamental “E.E Profº Norberto de Souza Pinto” e uma ONG do grupo ORSA , que realiza várias atividades educacionais, culturais e de lazer com crianças e jovens no período oposto da escola.

3.3. História do CEMEI

Conversando com a administradora da creche e com as monitoras¹¹ que trabalham neste CEMEI desde sua inauguração, descobri um dado muito curioso, a creche foi inaugurada duas vezes.

O CEMEI “Matilde Azevedo Egídio Setúbal”, foi inaugurado no ano de 1982, pelo prefeito Francisco Amaral, quando as creches ainda pertenciam a Secretaria de Promoção Social.

Diante de um registro do dia da primeira inauguração da creche, encontrado na biblioteca da mesma, podemos perceber seu caráter puramente assistencial, segue um trecho:

A excelência dos prédios, a adequação dos equipamentos, o pessoal técnico da mais alta qualidade, a alimentação balanceada e rica servidas à milhares de crianças abrigadas durante o dia todo, são alguns dos aspectos altamente positivos da

¹⁰ Todos os dados sobre o CEMEI foram retirados do Projeto Político Pedagógico de 2004, do CEMEI pesquisado.

¹¹ Foram realizadas entrevistas sobre a inauguração da creche – Ver Anexo V

*atuação do Poder Público Municipal nessa área de
proteção ao menor.*

Apesar de toda solenidade, a creche não entrou em funcionamento, apenas aconteceu a inauguração do prédio, que segundo administradora Ivone, que estava presente na inauguração, as obras do prédio ainda não estavam concluídas.

Finalmente em 02 de Fevereiro de 1984, no governo de Magalhães Teixeira, a creche foi inaugurada novamente, e desta vez para entrar em funcionamento.

As funcionárias já tinham sido contratadas e as crianças começaram a frequentar a creche um mês depois de inaugurada.

As funcionárias foram contratadas depois de passarem por um teste teórico e prático, não foi exigido nenhum grau de escolaridade, apenas que soubessem escrever o nome. A monitora Fátima, lembra que houve 3000 inscritos para ocupar 29 vagas. Todas as funcionárias contratadas foram registradas na Carteira de Trabalho como zeladora.

O prédio contava com quatro salas e apenas um banheiro, e a área externa tinha apenas dois tanques de areia e o escorregador, como recordou a monitora Fátima na entrevista:

...não tinha nada não, era tudo no gogó.

(Entrevista – 08/03/04)

A administradora Ivone, está na Rede Municipal de Campinas há 23 anos e trabalha nesta creche desde sua inauguração. Durante a entrevista relatou que a creche contava com uma enfermeira diariamente, um médico uma vez por semana e o dentista que vinha uma vez por ano, porém ficava um mês inteiro na creche. Disse que gostava mais daquela época, pois

...atendia as crianças que realmente necessitavam, era criança bem carente que vinha na creche, você não via nenhum carro aqui na frente, eram só para as mães que trabalhavam e precisavam. (Entrevista – 10/03/04)

De acordo com as monitoras e com a administradora a creche foi uma conquista da comunidade local, principalmente das mulheres que necessitavam de um local para deixar as crianças enquanto trabalhavam.

Em São Paulo, esse movimento iniciou-se na década de 70 e a história do movimento de luta assinala que as mulheres participavam intensamente através das organizações: clube de mães, associações, sociedades de Amigos de Bairro, núcleos de organização feminista. Essas mulheres faziam reivindicações com variadas tendências e preocupações, mas com um objetivo comum: reivindicar creches. (Campos, apud Ávila, 2002, p. 12)

3.4. Estrutura e funcionamento

Este CEMEI atende 230 crianças, em idade de 4 meses a 7 anos, divididos em três agrupamentos assim discriminados:

Agrupamento I: crianças de 4 meses a 1 ano e 6 meses;

Agrupamento II: crianças de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 6 meses;

Agrupamento III: crianças de 3 anos e 6 meses a 6 anos e 11 meses.

A organização por agrupamentos foi uma determinação da Secretaria de Educação, que dispôs no Diário Oficial do dia 19 de Novembro de 2002, as novas normas gerais para a realização das matrículas para o ano de 2003.

Cap I – Das Diretrizes De Atendimento À Demanda

Art.2º A Secretaria Municipal de Educação e as direções das Unidades Educacionais deverão elaborar estudos conjuntos com o objetivo de :

I - Otimizar os espaços existentes nas Unidades Escolares, visando disponibilizar maior número de vagas;

II - Rever a capacidade das Unidades Educacionais;

III – Reorganizar os agrupamentos e as turmas ou salas de aula por faixa etária mais próxima: 03 meses a 01 ano e 11 meses, 02 anos a 03 anos, 04 anos a 6 anos.

As crianças do Agrupamento I, estão divididas em Agrupamento I A e I B e correspondem ao antigo BI e BII.

As crianças do Agrupamento II, estão divididas em Agrupamento II A e II B e correspondem ao antigo MI e MII.

As crianças do Agrupamento III , estão divididas em Agrupamento III A, B, C, D e E, antigo Maternal III, Infantil e Pré.

O horário de funcionamento da creche é das 7:00 hs. às 19:00 hs., porém em uma reunião realizada com o Conselho de Escola ficou decidido que a creche fecharia às 18:00 hs.

Somente os Agrupamentos I e II e o Agrupamento III A (antigo MIII), permanecem em período integral, das 7:00 hs. às 18:00 hs. Os demais (Agrupamento III B, C, D e E) funcionam em período parcial; no período da manhã das 7:30 hs. às 11:30 hs. e no período da tarde das 13:00 hs. às 17:00 hs.

Diferente do que encontrado por Ávila (2002), onde era exigido pela Prefeitura um comprovante de trabalho da mãe para conseguir vaga na creche, hoje já não é mais necessário nenhum comprovante de trabalho, garantindo assim o direito à creche para todas as crianças, desde que tenha vaga disponível, porém há uma discordância enorme por parte das mães que trabalham e não conseguiram vaga, acham que perderam seus direitos, pois enquanto trabalham e não têm com quem deixar seus filhos, as mães que não trabalham conseguiram a vaga.

Todas as monitoras entrevistadas, que trabalhavam na época que as creches pertenciam a Secretaria da Promoção Social, também citam como positivo somente as mães que trabalham deixar seus filhos na creche. Com isso mostram que ainda não possuem uma visão sobre a nova Pedagogia da Educação Infantil e da Constituição de 1988, na qual todas as crianças têm direito de conviver com seus pares e com outros adultos diferentes da sua família.

Os pais que estão do lado de fora ficam revoltados, porque ele tá trabalhando, ele quer

colocar a criança aqui, e ele tem que pagar para alguém tomar conta do filho dele, porque não se acha vaga aqui e tem um monte de mãe que não tá trabalhando e deixa a criança o dia inteiro. (Entrevista – monitora – 08/03/2004)

O ideal seria que nenhuma família se sentisse “roubada” de seus direitos e que houvesse vagas disponíveis para todas as crianças, sem privilegiar a classe econômica, social, garantindo o direito da criança de ser educada em creche e ser respeitada como um sujeito de direitos.

3.5. Composição física

...oferecer às crianças um ambiente lúdico, aconchegante, saudável e gostoso, onde brincar se faz presente e é considerado muito importante no que tange à organização do espaço, pois é no brincar que a criança tem garantido seus direitos de se relacionar com pessoas, ambientes, objetos. (P.P.P, 2004)

A área total do CEMEI é aproximadamente 620 m², sendo que 320 m² são de área construída e 400 m² são de área livre.¹²

Na área construída há terraço, galpão, diretoria, sala de café para funcionários, cinco salas de aula, berçário (banheiro, sala, solarium), três banheiros adaptados para as crianças, dois banheiros para funcionários, lavanderia, cozinha, despensa e refeitório.

Apesar da creche ter sido construída para atender às crianças de 0 a 6 anos (muitas creches estão em casas adaptadas), há muito descontentamento por parte dos funcionários, que há mais de oito anos reivindicam por duas salas. Uma sala é dividida

¹² Ver a Planta do CEMEI no Anexo I

entre as duas turmas do Agrupamento II, na hora do sono e nos dias chuvosos, aproximadamente 58 crianças ocupam o mesmo espaço, que na realidade era para ser ocupado por apenas uma turma. A outra sala é para uma turma do Agrupamento III, que ocupa uma sala improvisada, fechada por meio de biombos no galpão, local de passagem de todas as turmas.

Na avaliação do final do ano de 2003, encontra-se escrito no P.P.P, o descontentamento da equipe escolar:

(...) O espaço físico é insuficiente para atender aos alunos, pois temos classes que revezam a sala e classe adaptada no galpão, local impróprio, pois tem excesso de barulho e atrapalha a concentração das crianças. (P.P.P, 2003, p.)

Porém as salas são bem conservadas, três foram pintadas e o piso que é de taco foi repassado o sinteco durante as férias de janeiro deste ano.

Na entrada da creche há uma escadaria, sem rampa de acesso, dificultando a locomoção de carrinhos de bebê, ou de pessoas que necessitem de algum auxílio para se locomover.

Há um hall de entrada com um enorme quadro na parede, dois bancos de plástico, onde ficam as pessoas que estão aguardando atendimento da secretaria e um mural com informações gerais da creche e com a lista de espera das crianças que estão esperando por uma vaga.

Os pais com crianças do período integral circulam livremente pela creche, pois levam e buscam seus filhos dentro da sala, já os pais com crianças do período parcial, não podem entrar na sala e ficam esperando a entrada e a hora da saída fora da creche.

O refeitório é bem grande e comporta as turmas do Agrupamento I e II, todas juntas na hora das refeições. O refeitório é utilizado também para realizar as reuniões com os funcionários.

A área externa é bem ampla e muito agradável, nela encontra-se: dois parques; o parque da frente que contém brinquedos de playground (escorregador, balança, trepa-trepa, gangorra), dois tanques de areia e uma Casinha de Boneca construída no final do ano passado, e várias árvores bem grandes que proporcionam sombras deliciosas.

A Casinha de Boneca, com certeza é um daqueles espaços onde é garantido às crianças,

...o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim os espaços de liberdade ou da opressão
(Souza Lima, apud Faria, 2003,p.70)

O outro parque encontra-se na parte detrás da creche, fundos com o solarium dos bebês, e nele há: duas balanças, gangorras, um gira-gira grande e uma árvore. Neste local algumas monitoras estavam preparando uma horta para trabalhar com as crianças.

Na lateral da creche há túneis coloridos construídos com concreto e também uma árvore enorme, onde aproveitando sua sombra foi construído neste ano um tanque de areia feito com pneus. Este espaço possui uma grande área livre e uma mini quadra que são utilizados para as crianças correrem com pneus, brincarem de pega, de bola, de casinha e de brincadeiras dirigidas por adultos, enfim um espaço que garante à criança produzir cultura infantil.

Saindo do galpão e na lateral do refeitório há a Casinha do Tarzan, um dos espaços preferidos das crianças. Em um só brinquedo há balanças com pneus, balanças de cadeirinhas, escorregador e a casinha que fica na parte de cima.

Estes são espaços que respeitam os direitos fundamentais das crianças, pois atendem alguns critérios sobre espaço explicitados no documento produzido pelo MEC e elaborado por Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg, em 1995, “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, são eles:

Nossas crianças têm direito à brincadeira

Nossas crianças têm direito à atenção individual

*Nossas crianças têm direito a um ambiente
aconchegante, seguro e estimulante*

Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza

Nossas crianças têm direito à higiene e saúde

Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia

*Nossas crianças têm direito desenvolver sua
curiosidade, imaginação e capacidade de expressão*

Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos

Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade

Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos

Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche

Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa (p.11)

Não há espaço para a biblioteca, as estantes fechadas com os livros, ficam no corredor e alguns livros ficam expostos em um armário aberto.

A sala do Agrupamento I A, fica isolada e os bebês pouco se socializam com as crianças maiores. Um dos únicos momentos de socialização é na comemoração dos aniversariantes do mês, no qual todas as turmas se reúnem no galpão, inclusive os bebês que ficam no berço ou no colo das monitoras.

A sala que é dividida pelo Agrupamento II A e B e a sala do Agrupamento I B, não há mesas ou cadeiras e quando as professoras realizam alguma atividade utilizando papel, elas utilizam as mesas do refeitório.

No galpão há um painel enorme enfeitado cada mês por uma professora ou monitora, e é aproveitado para as festas e apresentações de teatro e danças para as crianças e os pais. Antigamente este galpão por ser amplo, era utilizado como um espaço a mais para as brincadeiras, principalmente em dia de chuva, porém agora não pode mais ser utilizado diariamente, pois há uma sala improvisada, já citada anteriormente, bem no meio dele.

Os banheiros são adaptados para as crianças, porém para as monitoras é totalmente inadequado na hora em que é necessário dar banho ou trocar as crianças, já que elas precisam se agachar para dar banho e não há um trocador.

A diretoria é dividida em dois ambientes, em uma sala fica a mesa da diretora e da vice-diretora, e é o local do computador e do armário de arquivo. Há também um armário embutido onde são guardados alguns materiais. Na outra sala há a mesa da administradora e da orientadora pedagógica e duas estantes, uma com fitas de vídeo e a

outra com livros. Há também uma prateleira com os diários, livro ponto, livro de ocorrências e livro de comunicados.

Na sala de café dos funcionários há uma geladeira, um fogão, uma pia e uma mesa, e é utilizada no descanso de 10 minutos.

Há dois portões de acesso à creche, um de entrada para carros de funcionários e o outro para a entrada das crianças, funcionários e comunidade, os dois portões ficam fechados e só são abertos pelo guarda.

Os únicos lugares que não são freqüentados pelas crianças são a lavanderia, a cozinha e a sala de café dos funcionários.

Todos os profissionais que trabalham com crianças de educação infantil, devem sempre ter como objetivo principal atingir um mínimo de qualidade no atendimento, respeitando os direitos básicos das crianças, e sem dúvida a organização do espaço físico é um dos caminhos para se atingir este objetivo. Como citou Faria (2003), *“a organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo etc, etc.”* (p.74)

3.6. Composição humana.

3.6.1 As crianças

Neste ano de 2004 foram matriculadas 230 crianças, sendo 118 meninas e 112 meninos, divididos por Agrupamentos, como citado anteriormente.

Há atualmente uma lista de espera de 169 crianças, com uma demanda maior para o Agrupamento II A e II B, no qual não há vagas.

No Agrupamento I A (antigo BI), estão matriculadas 20 crianças de 4 meses a 1 ano, há 10 meninos e 10 meninas¹³.

A maioria das crianças deste agrupamento ainda não anda e poucos engatinham, passam o tempo todo dentro da sala e do solarium, porém ficam bem livres no chão, permanecendo no berço apenas na hora do sono. Brincam bastante com bolinhas e chocalho, as monitoras e a professora conversam e brincam muito com eles, sempre colocam músicas e fazem teatro com fantoches.

¹³ Estes dados sobre o número de matrículas e as idades, foram obtidos através do prontuário de matrículas 2004, no mês de março.

No Agrupamento I B (antigo BII), estão matriculadas 17 crianças de 1 ano e 1 mês a 1 ano e 8 meses, há 7 meninos e 10 meninas. Nesta turma houve uma grande dificuldade no começo do ano, pois tinha quatro crianças que ainda não andavam, e as que andavam precisavam de ajuda e havia apenas três monitoras, na hora das refeições e das brincadeiras na área externa as monitoras precisavam ir e voltar várias vezes para conseguir levar todas as crianças.

As crianças desta turma costumam brincar no terraço que fica na saída da sua sala, lá há brinquedos de plástico como mini-eskorregador, mini gira-gira e cavalinho, brincam entre si e não há divisão de brincadeiras entre meninos e meninas. As monitoras e a professora estão sempre cantando e contando histórias, porém há pouca brincadeira dirigida. As refeições são feitas junto com os Agrupamentos II A e B. No período da tarde as crianças desta turma costumam brincar com a turma do Agrupamento II A e II B no túnel.

No Agrupamento II A (antigo MI), estão matriculadas 26 crianças de 1 ano e 9 meses a 2 anos e 6 meses, há 16 meninos e 10 meninas.

Devido a mudança para agrupamento, muitas crianças passaram do antigo BI direto para este agrupamento (antigo MI), causando também neste agrupamento muitas dificuldades, pois a maioria das crianças usam fraldas e nesta sala não há a mínima estrutura para a troca de fraldas, fazendo com que as monitoras trocassem as crianças em colchonetes no chão da sala.

As crianças deste agrupamento brincam bastante livremente e não há divisão de brincadeiras entre meninos e meninas, brincam bastante na areia e de casinha com panelinhas e bonecas. As monitoras e a professora cantam o tempo todo, na hora da higiene, das refeições, na roda, porém não há muitas brincadeiras dirigidas.

No Agrupamento II B (antigo MII), estão matriculadas 25 crianças de 2 anos e 6 meses a 3 anos e 8 meses, há 13 meninos e 12 meninas.

Esta turma devido há utilização da mesma sala que a turma citada anteriormente, também utilizam bastante o espaço externo brincando livremente, não há divisão entre eles, mas os meninos adoram brincar de rodar pneus e as meninas nem tanto, quando brincam juntos costumam brincar na areia, de correr e de casinha. As monitoras também cantam bastante, mas fazem poucas brincadeiras dirigidas.

No Agrupamento III A (antigo MIII), há 31 crianças matriculadas, sendo 17 meninos e 14 meninas, e a idade varia de 3 anos e 8 meses à 4 anos e 8 meses.

Todas as crianças desta turma já freqüentavam a creche desde o ano passado, sendo que mais da metade freqüentam esta creche desde o berçário.

As crianças deste agrupamento brincam juntas, porém há alguns meninos que resistem à algumas brincadeiras como de casinha e de boneca, dizem que é brincadeira de menina, mas a maioria brinca junto de pega-pega, lobo-mau, mamãe e filhinho. Brincam bastante livremente, mas as monitoras e a professora brincam bastante com eles e sempre fazem brincadeiras dirigidas. Costumam brincar junto com crianças de outras idades no período da tarde.

Durante as refeições estão aprendendo a se servirem sozinhos, no sistema self-service.

As crianças destes agrupamentos são de período integral, portanto passam de 8 à 10 horas dentro da creche, por isso a importância de sempre estar buscando uma educação de qualidade para a população infantil, visando um desenvolvimento que privilegie a criança em todos os seus aspectos: psicológico, físico, social e cultural. Os “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, teve isso como seu principal objetivo:

Atingir, concreta e objetivamente, um patamar mínimo de qualidade que respeite a dignidade e os direitos básicos das crianças, nas instituições onde muitas delas vivem a maior parte de sua infância, nos parece nesse momento, o objetivo mais urgente.
(p.7)

No Agrupamento III B (antigo Infantil), estão matriculadas 25 crianças, sendo 10 meninos e 15 meninas, no período da manhã. Esta turma há crianças com idades entre 4 e 6 anos.

Nesta idade já começa haver uma divisão maior entre meninos e meninas nas brincadeiras. No parque os meninos costumam brincar de bola e as meninas de casinha. Há uma socialização apenas com as crianças da turma do Agrupamento III C (antigo pré), brincam no parque e fazem as refeições juntas.

No Agrupamento III C (antigo pré), estão matriculadas 30 crianças, sendo 15 meninos e 15 meninas, a idade está entre 6 anos e 3 meses a 7 anos, no período da manhã.

É também uma turma que se divide nas brincadeiras, brincam juntos quando há cantinhos dentro da sala, mas no parque há interesses diferentes, os meninos preferem a bola e os pneus e as meninas inventam brincadeiras relacionadas ao dia-a-dia (casinha, mamãe e filhinha...).

O Agrupamento III D (antigo pré) e o Agrupamento III E (antigo infantil), estão as crianças matriculadas no período da tarde.

No Agrupamento III D, há 31 matriculadas, sendo 13 meninos e 18 meninas, e a idade é de 5 anos e 8 meses a 6 anos e 7 meses.

As crianças desta turma sempre se socializam com a turma do Agrupamento III E, no parque e nas refeições, e algumas vezes com as crianças menores também no parque.

No Agrupamento III E, estão matriculadas 25 crianças, sendo 11 meninos e 14 meninas, a idade é de 4 anos e 3 meses a 5 anos e 8 meses.

A socialização maior acontece na festa dos aniversariantes do mês, onde são reunidas no galpão todas as turmas, inclusive os bebês.

A pedido da equipe escolar, no momento da organização das turmas a diretora tentou não misturar as idades, pois na opinião da equipe, a Prefeitura não oferece a mínima estrutura para um trabalho diversificado como este, como por exemplo, um número muito grande de crianças e a falta de formação profissional para este trabalho.

3.6.2. As famílias

De acordo com o P.P.P, a maioria das crianças é de famílias das camadas assalariadas, com pais que trabalham em indústrias, comércios, serviços gerais, construção; e as mães em sua maioria são, empregadas domésticas, vendedoras autônomas e faxineiras. O nível de instrução da maioria é o Ensino Fundamental.

A maioria reside no mesmo bairro da creche e alguns em bairros adjacentes, como Santa Lúcia e Jardim Campos Eliseos. O nível sócio-econômico das famílias é baixo, e a sua renda situa-se entre a média de dois salários mínimos.

Segundo o P.P.P (2004):

Sobrevivem, em sua maioria, com dificuldades econômicas, sendo a creche para muitos o lugar

onde seus filhos terão atendimento à higiene, alimentação e educação. (p.10)

A maior participação da família se dá apenas quando há festas abertas, com apresentações das crianças, como Festa Junina e no Natal, porém nas Reuniões de Pais a presença é pequena, assim como notou Ávila (2002) “o horário do trabalho das mães acabava por prevalecer em alguns casos” (p.19), nesta creche acontece a mesma coisa, apesar da insistência das professoras e monitoras.

Há poucos homens que se responsabilizam pela entrada e saída das crianças, a maioria são as mães, vizinhas, avós ou babás.

Devido ao nível sócio-econômico baixo, poucas famílias colaboram com a APM. Para aumentar a renda, a creche promove sempre a venda de rifas.

Devido ao horário de entrada das crianças do período integral e o horário da professora serem diferentes, a professora têm pouquíssimo contato com as famílias, mantendo-se este apenas nas reuniões, tornando-se assim uma relação muito distante. O contato mais próximo sempre acontece com as monitoras, que estão na creche na entrada e saída das crianças.

3.6.3. As profissionais

As profissionais foram caracterizadas no P.P.P como: professoras, funcionárias e especialistas.

Há atualmente 7 professoras efetivas nos cargos, porém uma está prestando serviço na Secretaria da Cultura e em seu lugar está uma professora com contrato indeterminado, 5 professoras trabalham no período da manhã e 2 no período da tarde.

Todas possuem o diploma do curso de Magistério e a maioria tem nível superior, 3 são formadas em Pedagogia (incluindo a professora substituta), 3 são formadas em outras áreas e possuem pós-graduação na área de educação e 2 estão cursando Pedagogia, uma no último ano e a outra no segundo.

A maioria das professoras atua na educação infantil há mais de 6 anos.

Todas são efetivas deste CEMEI, com exceção da professora substituta. Há uma professora que está a 10 anos no CEMEI.

Há três professoras que também trabalham com Educação de Jovens e Adultos, duas na FUMEC e uma na Prefeitura de Cordeirópolis. As idades variam de 22 à 35 anos e quatro são mães.

O quadro de funcionários é composto pela administradora, 3 serventes, uma ajudante de cozinha e 16 monitoras.

A administradora é efetiva e está na creche desde sua inauguração, ela é responsável pela coordenação das monitoras.

Das 17 monitoras, 3 são limitadas por problemas de saúde e uma delas se encontra em LTS desde outubro de 2003, e ainda uma é readaptada e presta serviço na lavanderia.

Foram sujeitos desta pesquisa 16 monitoras, uma não participou da pesquisa devido a sua licença.¹⁴

A maioria das monitoras moram no mesmo bairro desta creche e trabalham neste CEMEI desde sua inauguração.

O nível de escolaridade é bem variado: 7 possuem o Ensino Fundamental completo, 4 possuem o Ensino Médio Completo, 2 estão cursando o Ensino Médio, 1 possui nível superior em Pedagogia, 1 está cursando o 2º ano do Normal Superior e 1 está cursando o 2º ano de Pedagogia.

As idades variam de 22 a 53 anos, a maioria é mãe, com exceção de uma.

A jornada semanal de trabalho é de 36 horas, sendo 32 horas diretamente com crianças e 2 horas de formação.

As 4 cozinheiras e o guarda são funcionários terceirizados.

Quanto às especialistas, todas são efetivas e o quadro está completo, sendo composto por uma diretora educacional, uma vice-diretora e uma orientadora pedagógica, sendo que esta última divide sua jornada de trabalho em duas creches.

A Prefeitura Municipal oferece para a capacitação destes profissionais Formação Continuada uma vez por mês, sendo de responsabilidade e de acordo com o Planejamento de cada Unidade a escolha dos temas à serem trabalhados na Formação.

3.6.4. O Conselho de Escola

O Conselho de Escola foi criado através da Lei nº 6.662 de 10 de Outubro de 1991.

¹⁴ Ver quadro do perfil das monitoras no Anexo II

No Cap. I: Da Constituição, Dos Objetivos e Competências dos Conselhos de Escola - Art.1

Fica instituído o Conselho de Escola em cada uma das unidades municipais de educação do município de Campinas.

No Cap. II: Da Composição do Conselho de Escola – Art.8

Consideram-se Conselheiros vinculados à Unidade Escolar os alunos, docentes, pais de alunos e funcionários da mesma.

Neste CEMEI o Conselho de Escola é formado por 15 participantes, sendo eles: uma especialista – a diretora, 2 professoras - 1 titular e 1 suplente, 4 funcionárias - 2 titulares e 2 suplentes e 8 pais de alunos - 4 titulares e 4 suplentes.

No Conselho é planejado a captação e os investimentos de recursos próprios, são acompanhados os recursos gastos, aprova normas e regras e ajuda na resolução dos problemas.

As reuniões acontecem geralmente uma vez por mês, ou quando é necessário há uma reunião extraordinária.

Infelizmente há pouca participação dos pais, mesmo os que são eleitos, muitas vezes não comparecem nas reuniões devido ao horário das reuniões coincidirem com o do trabalho.

4. Monitora de creche: uma profissão que está sendo construída

*“VEM VAMOS
EMBORA
QUE ESPERAR NÃO
É SABER
QUEM SABE FAZ A
HORA NÃO ESPERA
ACONTECER”*

4.1. Quem são elas?

*“Eu sou aquela mulher
que fez a escalada da
montanha da vida
removendo pedras e
plantando flores”*

(Cora Coralina)

Antes de serem mães, avós, esposas, filhas, monitoras, são mulheres. E o que isso representa?

Segundo Geraldi¹⁵ (2003), quase 90% dos servidores públicos que estão atuando na Educação são mulheres. Isto implica, que a maioria das pessoas da nova geração foram educadas quase exclusivamente por mulheres. Haverá especificidade do trabalho educativo que um ou outro gênero pode realizar?

A categoria de gênero feminino desmonta qualquer tentativa de associação entre mulheres e habilidades naturais para o cuidado e educação das crianças. Os homens que educam as crianças na creche e na pré-escola atribuem os mesmos significados que as educadoras (suas colegas de profissão) e seus discursos são discursos femininos. (Saparolli, apud Ávila, 2002, p.60)

Várias pesquisadoras trataram sobre este assunto de gênero na educação, por não ser este meu foco principal, mas sabendo da sua importância, deixo aqui para os leitores que quiserem se aprofundar no assunto, alguns nomes de referência no assunto:

¹⁵ Corinta Maria Grisolia Geraldi, Secretária Municipal de Educação de Campinas. Este dado foi obtido em uma revista chamada Caderno de Estudos e Debates, produzida pela Escola de Governo e Desenvolvimento do Servidor -EGDS -, em setembro/2003 com o título Mulher e Servidora – Um estudo do perfil da mulher servidora pública municipal.

Rosemberg, Campos, Hipólito, Louro, Cerisara, Ávila, Daniela Finco e na bibliografia italiana, Ghedini, Cocever, Arrigoni, Mantovani, Mantovani e Perani e Ongari e Molina¹⁶.

Segundo Ávila (op.cit.), *a denominação Monitoras de Educação Infantil refere-se a uma categoria profissional que atua na creche diretamente com as crianças de 0 a 3 anos. A jornada de trabalho destas profissionais, que era de 8 horas diárias, após o movimento de greve, em 2000 passou a ser de 7 horas e 12 minutos.* (p.1)

Neste ano de 2004, enquanto esta pesquisa se realizava, as monitoras conseguiram reduzir sua jornada para 6 horas diárias com crianças e duas horas em reuniões ou grupos de formação, foi uma vitória de longos anos, porém até o momento está sendo uma vitória um pouco frustrada, pois em troca das 6 horas estão perdendo muitos direitos já conquistados, como falamos na Introdução.

Segundo o Regimento Comum das Unidades Sócio-Educativas, no Art.22 – São atribuições do Monitor Infante-Juvenil¹⁷:

- I- *Participar do processo de elaboração e implementação da Proposta Pedagógica da escola, comprometendo-se em realizar um trabalho coerente com os princípios do mesmo;*
- II- *Co-responsabilizar-se pelo processo educacional, de acordo com os objetivos da Proposta Pedagógica;*
- III- *Planejar seu trabalho de acordo com a Proposta Pedagógica, integrando com os demais segmentos da escola, elaborando um plano de atuação;*
- IV- *Atuar diretamente com as crianças, cuidando e educando, levando em conta o desenvolvimento e os conhecimentos infantis, possibilitando a construção e aquisição de novos conhecimentos*

Conheceremos agora quem são as protagonistas desta pesquisa. Foram entrevistadas 13 monitoras.

Benedita, trabalha há 21 anos na Rede Municipal de Campinas e 7 anos neste CEMEI. Foi contratada pela Secretaria de Promoção Social, como zeladora¹⁸, começou

¹⁶ A bibliografia completa, com os nomes dos livros e as datas encontra-se no Anexo IX

¹⁷ Neste citação aparece apenas algumas atribuições do Monitor Infante – Juvenil, no Anexo VI encontra-se todas as atribuições.

seu trabalho com crianças, depois passou para cozinheira e depois de três meses voltou a trabalhar diretamente com crianças, é mãe de dois filhos e possui o Ensino Médio completo, e sua situação funcional é função atividade¹⁹. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento II B.

Eleonor, tem 57 anos e trabalha há 20 anos na Rede Municipal de Campinas, sendo que todos estes trabalhou neste CEMEI. Foi contratada pela Secretaria de Promoção Social, como zeladora e exerceu a função de cozinheira durante dois anos antes de começar a trabalhar diretamente com crianças, é mãe de três filhos e avó de dois netos que freqüentam a creche, possui o Ensino Fundamental completo e sua situação funcional é função atividade. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento II A.

Maria de Fátima, tem 50 anos e também trabalha há 20 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como zeladora e exercia a função de monitora, é mãe de 3 filhos e avó de uma neta que freqüenta a creche, possui o Ensino Fundamental completo e pertence a categoria de função atividade. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I A.

Maria Rosa, tem 40 anos e trabalha há 20 anos neste CEMEI e na Rede. Foi contratada como zeladora e exerceu a função de faxineira alguns meses antes de trabalhar como monitora, é mãe de três filhos e avó de um neto que freqüenta a creche, está na categoria de função atividade e possui o Ensino Superior em Pedagogia. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento II B.

Maria Laudelina, tem 51 anos e trabalha há 20 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como zeladora e sua função era de trabalhar diretamente com as crianças, é mãe de dois filhos e possui o Ensino Fundamental completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I B.

Rosalina, tem 48 anos e trabalha há 20 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como zeladora e exerceu a função de cozinheira antes de começar trabalhar com crianças, é mãe de dois filhos, está na categoria de função atividade e possui o Ensino Fundamental completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento II B.

¹⁸ Todas as pessoas que eram contratadas na Promoção Social, eram registradas como zeladoras e depois a assistente social que determinava a função de cada uma.

¹⁹ Encontra-se em função atividade, as monitoras que não prestaram concurso e foram contratadas antes de 1990 quando as creches ainda pertenciam a Secretaria de Promoção e Assistência Social, passando depois automaticamente para o Estatuto Dos Funcionários Públicos.

Rosa Marlene, tem 49 anos, trabalha há 20 anos na Rede e neste Cemei. Foi contratada como zeladora e trabalhava diretamente com crianças, é mãe de dois filhos, está na categoria de função atividade e possui o Ensino Fundamental completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento II B.

Maria de Fátima, tem 48 anos e trabalha há 20 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como zeladora, e hoje pertence a categoria de função atividade, é mãe de três filhos e possui o Ensino Fundamental completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I B.

Sebastiana, tem 50 anos, trabalha há 20 anos na Rede e neste Cemei. Foi contratada como zeladora e trabalhava diretamente com crianças, é mãe de três filhos, possui o ensino médio completo e atualmente está readaptada na lavanderia.

Maria Nirce, tem 48 anos e trabalha há 17 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como auxiliar de creche, e hoje pertence a categoria de função atividade, é mãe de dois filhos e possui o Ensino Fundamental completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento III A.

Ruth, tem 40 anos, trabalha há 16 anos na Rede e há 14 anos neste CEMEI. Foi contratada como zeladora e trabalhava diretamente com crianças, é mãe de três filhos, pertence a categoria de função atividade e está cursando o Ensino Médio. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento III A.

Tereza, tem 46 anos e trabalha há 16 anos na Rede e neste CEMEI. Foi contratada como zeladora e exerceu a função de faxineira antes de começar a trabalhar diretamente com crianças, é mãe de 3 filhos e avó de um neto que freqüenta a creche, pertence a categoria de função atividade, possui o curso de Magistério e está cursando o 2º ano do Normal Superior. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento III A.

Cleonilda, tem 36 anos, trabalha há 13 anos como monitora efetiva na Rede e há 7 anos neste CEMEI, tem um filho, possui o curso de Magistério e está cursando o 2º ano de Pedagogia. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I B.

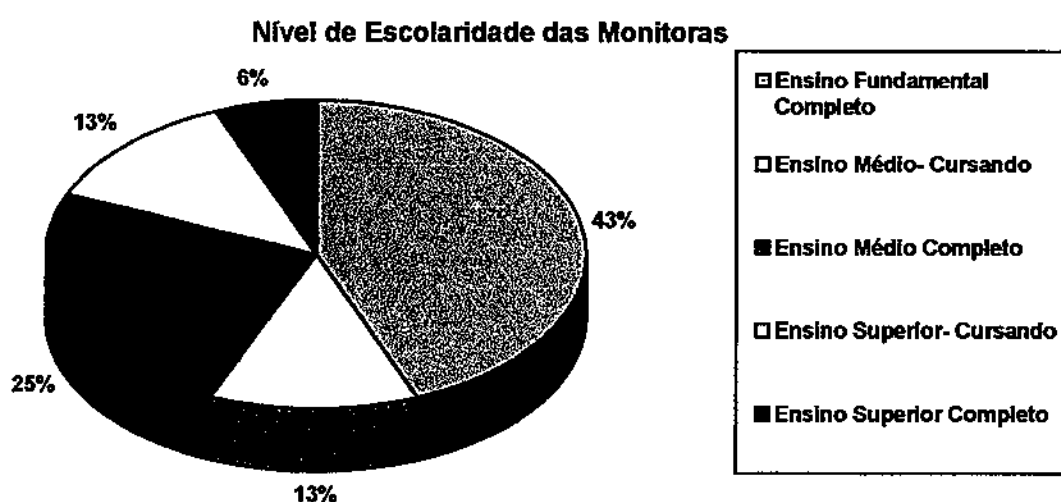
Adriane, tem 22 anos e trabalha há 2 anos na Rede e neste CEMEI como monitora efetiva, é mãe de um filho, freqüenta a creche na turma do Agrupamento III E, está cursando o Ensino Médio. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I A.

Maria José, tem 38 anos e trabalha há 2 anos na Rede e neste CEMEI como monitora efetiva, não tem filhos e possui o Ensino Médio. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I A.

Dulcelene, tem 31 anos e trabalha há 2 anos na Rede e neste CEMEI como monitora efetiva, é mãe de um filho que frequenta a creche na turma do Agrupamento II A, possui o Ensino Médio completo. Neste ano está trabalhando com a turma do Agrupamento I B.

Como podemos notar este é um grupo de trabalho que já possui uma certa identificação, pois quase a maioria está trabalhando juntas desde a inauguração da creche, tempo suficiente para que um grupo se conheça e consiga realizar um trabalho de maneira mais harmoniosa possível. Isto não quer dizer que não existam conflitos em seu dia-a-dia, muito pelo contrário, pude observar durante a pesquisa, que como se conhecem há muito tempo e a maioria possui não só uma relação profissional mas um vínculo de amizade, muitas discussões e idéias divergentes aparecem, porém todas resolvidas com bom senso.

A maioria possui mais de 15 anos de experiência no cuidado e educação à crianças de 0 a 6 anos, porém um dado apresentado sobre a formação destas profissionais é muito preocupante, apenas uma já possui o nível superior em Pedagogia e duas estão cursando (uma o Normal Superior e a outra Pedagogia) e quase a metade possuem apenas o Ensino Fundamental. Ver o gráfico que se segue:



Como podemos observar, estas profissionais não possuem uma formação específica que dê conta desta nova Pedagogia da Infância, no qual o cuidar e o educar são indissociáveis e onde se privilegie a produção da cultura infantil.

As profissionais que atuarão com as crianças pequenas necessitam, portanto, de uma formação específica – acadêmica e continuada – que valorize as especificidades da infância. (Silva,2002, p.26)

A formação destas profissionais deve ser diferenciada, pois, já possuem uma experiência vasta no cuidado com crianças, porém não possuem uma formação específica para realizar um trabalho diferenciado com crianças pequenas sem copiar o modelo de casa, escola ou hospital.

A creche, a pré-escola não deve ser nem casa, nem hospital, e ela tem uma outra característica, como ela não é obrigatória enquanto primeira etapa da educação básica, ela precisa ser entendida como educação formal que precisa de um profissional formado, uma profissão super difícil. Profissão tão difícil quanto ser médico, ser assistente social, quanto ser engenheiro. Como é ser professor de 0 a 6? Como é trocar fraldas contando histórias? Como é integrar o educar e cuidar?

Conclusão, quem tem prática sabe mais do que quem fez o magistério só para 6 anos e sabe mais do que quem fez a universidade só para dar aula. (Faria, 2003,p.28)²⁰

Pesquisadoras como Búfalo (1999) e Silva (2002), também encontraram nas creches pesquisadas um nível baixo de escolaridade entre as monitoras, com a maioria

²⁰ Prof^a Dr^a Ana Lúcia Goulart de Faria da Faculdade de Educação da Unicamp, durante uma palestra em uma Mesa Redonda realizada pelo vereador Paulo Búfalo, em 13 de Março de 2003, com o tema “Relatos e Experiências Municipais de Carreira de Monitoras de Creche”.

delas sem uma formação específica, como lembra Silva (op.cit.), *os critérios e os pré-requisitos para se prestar um concurso público para ocupar o cargo de monitora de creche não passam do ensino fundamental.*(p.29)

Portanto, como exigir uma formação específica se não há uma preocupação dos órgãos públicos?

Este é um dos fatores mais importantes que levam à desvalorização desta profissão.

A maioria das monitoras é mãe, com exceção de apenas uma. Para todas elas, com exceção de duas, a experiência como mãe ajudou bastante no início da profissão, disseram que compreendem melhor as crianças, uma das monitoras durante uma conversa disse:

Eu cuido das crianças como se fosse meu filho
e como eu gostaria que o meu filho fosse
cuidado. (Diário de campo, 07/04/2004)

Mas também acreditam que o fato de não ser mãe não prejudica o desempenho profissional, pois se aprende no dia-a-dia, com as crianças e com as colegas de trabalho.

Assim como nossas monitoras de creche, mais da metade das educadoras italianas entrevistadas consideram a maternidade como aspecto positivo para sua prática profissional e acreditam também que compreendem melhor as crianças.

Outro dado encontrado foi o grande número de avós que trabalham na mesma turma que seus netos, todas disseram não ter dificuldade em conciliar ser avó e educadora, mas que as crianças dependendo da idade encontram um pouco de dificuldade em separar a avó da educadora. Durante minha observação pude notar que sempre que as crianças (netos) encontram alguma dificuldade (briga com o amigo, quando se machucam, quando sabe que vai ser repreendido por outro adulto) sempre procuram pela avó e não pela educadora.

Concluindo, estas são as profissionais que estão construindo, inventando esta profissão tão difícil, mas ao mesmo tempo tão gratificante, que segundo Cora Coralina *... estão removendo pedras e plantando flores.*

4.2. A busca pelas identidades profissionais

Em Campinas, a história profissional da monitora de creche é marcada por uma profunda mudança. No decorrer do ano de 1989, na administração de Jacó Bitar, a creche deixou de ser de responsabilidade da Secretaria de Assistência e Promoção Social e passou para a Secretaria da Educação.

Deu-se início a uma radical transformação das estruturas da creche e a profissão das monitoras começa a ter novas identidades, no qual o cuidar e o educar são indissociáveis, porém fica a pergunta: as monitoras têm ou tiveram uma formação que lhes possibilite esta nova concepção do seu trabalho?

Como mostra os dados desta e de outras pesquisas já citadas, infelizmente as monitoras não possuem uma formação específica para trabalhar com as crianças pequenas, utilizam apenas a sua experiência adquirida no dia-a-dia e muitas a sua experiência como mãe. Isto com certeza leva uma desqualificação e conseqüentemente à uma desvalorização do trabalho destas profissionais.

A pesquisa com as educadoras italianas também encontrou como maior fonte de aprendizado a experiência acumulada e a observação das colegas, ficando para a nossa reflexão se apenas estas duas formas de aprendizado contemplam esta nova profissão.

Esta é uma profissão que está sendo construída, porque junto com ela também vem a construção de uma Pedagogia da Infância, no qual estas profissionais, segundo Faria (2003), não dão aula, não apenas cuidam das crianças, mas organizam o tempo e o espaço para a produção da cultura infantil.

Como destaca a mesma autora²¹:

... é uma profissão que está sendo inventada, nunca existiu a profissão de professor de zero a seis anos, existiu a profissão de quatro à seis com magistério, existiu a profissão de pedagogo para a primeira à quarta e magistério para primeira à quarta. (p.41)

Por isso a importância de uma formação específica, onde se valorize a criança e o adulto por inteiro.

Com exceção de duas monitoras, que acreditam que somente a experiência do dia-a-dia e a observação das colegas é suficiente para o trabalho com crianças pequenas,

²¹ Esta fala foi feita durante uma palestra em uma Mesa Redonda já citada anteriormente.

todas acham que a formação específica é essencial para a valorização da profissão e para melhorar a qualidade da educação nas creches públicas.

Com a lei nº 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação infantil passa a integrar a educação básica, juntamente com o ensino fundamental e médio, trazendo conseqüências para o perfil do profissional que atua na educação de crianças pequenas.

A vinculação das professoras de crianças pequenininhas à Educação Básica é um avanço, porém torna-se necessário uma discussão sobre o perfil destas professoras, que é diferente das professoras do Ensino Fundamental, pois não dá aulas e não têm alunos.

Na rede municipal de Campinas, são oferecidos cursos e grupos de formação para os profissionais da educação, porém não conseguem atender a maioria, pois há poucas vagas oferecidas, há também grupos de Formação para Monitores, com duração de 360 horas, porém não abrangem todos os monitores pela falta de vagas. Há também a formação continuada, que ocorre uma vez por mês, no qual toda equipe de trabalho participa dentro das unidades.

A RMC (Região Metropolitana de Campinas) em parceria com a UNICAMP, oferece há dois anos, um curso superior em Pedagogia, com duração de três anos, há todos os profissionais que atuam na rede pública de educação infantil e ensino fundamental dos 19 municípios que estão incluídos na RMC. A seleção das profissionais é feita através de um vestibular, realizado no mês de julho; as vagas oferecidas entre as cidades são diferenciadas, dependendo do número de profissionais que não tem formação universitária no município.

A Unicamp é a pioneira em oferecer nos seus cursos de Pedagogia uma formação para professores de crianças de 0 a 10 anos, embora ofereça apenas duas disciplinas que contemplam a educação infantil (0 a 6 anos).

Na Itália, segundo o artigo “Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância”, escrito por Mantovani e Perani (1980), quando as creches deixaram de ter caráter assistencial e passaram a ter um caráter educativo, deram início a formação dos novos educadores, ao contrário do que aconteceu em Campinas. Em Campinas quando houve a transição das creches assistenciais para a Secretaria da Educação, nada mudou em relação a formação dos que nela trabalhavam, a não ser a mudança de cargo, passaram de zeladoras para monitoras infanto-juvenil e a fazer parte do Estatuto do Funcionário Público, porém não houve nenhuma preocupação de formação, capacitação ou atualização destas profissionais. Nem as profissionais que

hoje são contratadas através de concurso público, exige-se uma formação específica, necessitando apenas o ensino médio.

Na Itália todas as educadoras que eram contratadas passavam por uma formação especial antes de iniciarem seu trabalho. Esta formação incluía quatro fases; a primeira fase são os cursos de formação teórico-prático de base e estágio nas creches, com duração de seis meses até um ano letivo e proporcionava o certificado exigido para a contratação. Nos primeiros cursos, o problema da criança e a importância do estágio se revelaram temas essenciais para a formação de educadores e docentes.

Na segunda fase: a capacitação do pessoal do Onmi (como eram chamadas as creches quando ainda tinham apenas caráter assistencial), a importância maior foi dada a observação, como base acessível a todos e como motivação à aquisição de informações teóricas mais complexas.

A terceira fase é a atualização dos educadores:

Uma vez que as creches foram abertas, os educadores se depararam com a realidade e explodiu o “problema criança”: suas necessidades, como conhecê-las, como responder a elas, as atividades, os materiais, os relacionamentos com as famílias, o momento de gestão. (Mantovani e Perani, 1980, p.80)

Nesta fase começa a produção de materiais audiovisuais, pesquisas sobre crianças pequenas e iniciativas para discutir sobre a formação e especificidades dos educadores.

A quarta e última fase é a formação do educador como educador social e ao mesmo tempo como especialista psicopedagógico, *pois a criança não é um objeto isolado, mas o ponto de confluência de numerosas e delicadas relações com os adultos, entre adultos, com os objetos e ambiente, o espelho de muitos problemas pessoais do próprio adulto. (Mantovani e Perani, op.cit. p.81)*

Com isso, podemos notar que a Itália se preocupa com a formação do educador de crianças pequenas desde a década de 70, sendo que o Brasil tem ainda muitos e longos caminhos a percorrer.

Um grande avanço para a construção desta profissão e definição de suas identidades, é a nova concepção de educação que estas monitoras já estão tendo em relação a sua prática. Nenhuma das monitoras entrevistadas consideram a sua função como uma função materna, quando até pouco tempo atrás, muitas consideravam-se como segunda mãe para as crianças. Quando pergunto: Você se considera uma segunda mãe para as crianças?

Não, eu me considero uma educadora.
(Entrevista – 08/04/2004)

Não, mãe é insubstituível. (Entrevista –
08/04/2004)

Como vimos anteriormente a maioria das entrevistadas tem filhos, estes dados nos mostram o papel desempenhado pela “dupla presença” na experiência diária, familiar e profissional destas mulheres.

A partir dos anos 70, o termo “dupla presença” é utilizado para definir a situação de vida das mulheres que começam a impor a própria presença de maneira cada vez mais significativa no mercado de trabalho. Investigações sucessivas mostram que a alternativa não é somente entre a aceitação de papéis femininos tradicionais (esposa e mãe) e percursos centrados exclusivamente na profissão. A “dupla presença” é percebida como uma dimensão constitutiva da própria identidade feminina adulta, um elemento dado como certo, ainda que nem sempre se vislumbrem com clareza as dificuldades concretas intrínsecas. (Ongari e Boccagni, 1989, apud, Ongari e Molina, 2003)

Na creche o entrelaçamento entre a experiência familiar e profissional é mais explícito, *tanto em relação ao cuidado com o próprio filho, como em relação a divisão*

da responsabilidade com os pais das crianças que lhe são entregues. (Ongari e Molina, 2003, p.114)

Porém como analisado na pesquisa italiana a experiência familiar não está entre as fontes importantes de aprendizagem destas profissionais, que valorizam muito mais os aspectos pedagógicos do que os pessoais, isto porque a experiência familiar e profissional definem-se como dois contextos distintos, com pouca influência da primeira sobre a segunda.

(...) o tema da relação entre a dimensão pessoal e a profissional no trabalho de cuidar de crianças deve ser objeto de atenção e reflexões posteriores para que se consiga compreender melhor os termos específicos em que a “dupla presença”, característica das educadoras de creche, possa ser recuperada dentro da profissão como “dupla experiência”. (Ongari e Molina, op.cit., p.129)

Na creche pesquisada, outro avanço é que todas acreditam que o seu trabalho com as crianças é educativo e não mais assistencial. Possuem a concepção que o cuidar e o educar são indissociáveis e que tanto as monitoras quanto as professoras são educadoras e que portanto devem trabalhar em equipe, não existindo divisão e nem hierarquia de trabalho. Tanto a professora como a educadora devem valorizar o cuidar e o educar em sua prática.

Durante a entrevista foi questionado sobre o trabalho em equipe e se há divisão de trabalho entre as monitoras e as professoras, todas as respostas foram basicamente como estas abaixo:

Todas são educadoras, todas têm que se ajudar. (Entrevista - 08/04/2004)

Somos uma equipe e temos que trabalhar igual. (Entrevista – 08/04/2004)

Tem que ter integração, sobre o que uma e outra sabem fazer de melhor, e assim vamos aprendendo umas com as outras. (Entrevista – 08/04/2004)

Segundo Saitta (1984), trabalhar coletivamente significa

(...) elaborar um projeto pedagógico, programar objetivos educacionais que não sejam o fruto de escolhas espontâneas, individuais, improvisadas e não-coordenadas, mas, ao contrário, realizadas colocando-se em contínua interação entre os vários membros do grupo, com o objetivo de realizar, cada um com o próprio estilo, e de acordo com as respectivas competências, o que foi decidido e programado em conjunto. (p.116)

Estas concepções de educação e de trabalho em grupo são essenciais para a construção das identidades profissionais da monitora de creche.

O planejamento, o registro e a avaliação, são também aspectos relevantes para esta profissão. Porém, são aspectos que pouco são praticados por estas profissionais, pois ainda não são reconhecidos como instrumentos de trabalho. As monitoras também alegam falta de tempo para planejar, registrar e avaliar.

Não há tempo na creche para planejar e em casa temos a nossa vida particular. (Entrevista – 08/04/2004)

Já sobre a avaliação, dizem que estão sempre avaliando a sua prática,

Sempre que faço alguma coisa que acho que não está certo, procuro consertar. (Entrevista – 08/04/2004)

Estas práticas são muito importantes no trabalho diário, pois não devemos ficar só no “achismo” ou no improviso.

É necessário pensar que o trabalho da monitora na creche é um trabalho educacional dentro de uma instituição e requer uma preparação, um planejamento e uma avaliação posterior, garantindo a educação e o cuidado em todos os aspectos, com intencionalidade educativa, respeitando o direito de todas as crianças. (Búfalo, apud Silva, 2002, p.33)

Sem um planejamento, as monitoras utilizam a experiência de mãe, a experiência do dia-a-dia, a observação das colegas de trabalho e a observação das crianças e das relações entre os adultos, adultos e crianças e entre as próprias crianças para realizar seu trabalho. Porém estes instrumentos são necessários para a qualificação destas profissionais e para o avanço em sua profissão, deixando de ter uma função materna e passando a ser considerada uma educadora, que não só executa, mas que também planeja e avalia suas práticas.

Observar a criança é um dos instrumentos básicos e mais importantes para a formação destas profissionais.

Quando o adulto aprende a ver a criança, sabendo que ela é um ser ativo, conseguirá mais facilmente notar como ela se relaciona com o espaço, com os objetos, com os outros, vai se dar conta de como acontece a interação com o grupo. (...) Somente a essa altura, ele poderá programar a subdivisão dos grupos, a produção ou aquisição dos materiais apropriados, a avaliação, a estimulação: tudo baseado em dados empíricos e não em hipóteses abstratas. (Mantovani e Perani, 1980, p.83)

Acreditam que para ser uma boa educadora é necessário estar sempre atualizando seus conhecimentos, ter muita paciência, dar muita atenção e se preocupar com o cuidar e o educar.

O educador pode chegar a ter uma série de conhecimentos sobre a criança em geral, mas deverá encontrar novas modalidades para criar para si uma experiência e um papel numa instituição concreta e nova. (Mantovani e Perani, op.cit., p.83)

Concluindo a construção das identidades profissionais, perpassa pelo direito a uma formação específica e pelas imagens que as próprias monitoras têm da sua prática, valorizando as suas experiências acumuladas e o seu papel como educadoras.

5. Cada um sabe a dor ...

Os aspectos cansativos e as insatisfações profissionais das monitoras de creche

Este capítulo é dedicado a analisar as dificuldades e os aspectos considerados cansativos e insatisfatórios desta profissão.

Cabe ressaltar que segundo Ongari e Molina (2003)

... cansaço e insatisfação são dois elementos amplamente diferentes e aquilo que é cansativo pode, ao mesmo tempo, ser fonte de satisfação, enquanto o que é sentido como obstáculo, como elemento de insatisfação, não necessariamente é percebido como cansativo. (p.89)

Os principais motivos de insatisfações explicitados pelas entrevistadas foram o espaço físico precário e inadequado e o número de adultos por criança, considerado insuficiente, prejudicando uma educação que valorize as crianças pequenas.

O espaço físico foi citado com bastante recorrência devido a falta de salas, pois duas turmas dividem a mesma sala, e de banheiros adaptados principalmente para as trocas e banhos das crianças pequenas.

Apenas uma citou a falta de valorização profissional como motivo de insatisfação e uma monitora disse estar insatisfeita por estar em um setor que não lhe agrada (Agrupamento I A), tornando-se este um motivo pessoal, não podendo portanto generalizá-lo:

Eu não gosto de ficar em lugares fechados por muitas horas, gosto de ver gente, de ver ônibus passando na rua ... (Entrevista – 07/05/04)

O Agrupamento I A (antigo BI), com a mudança do número de adultos por criança, tornou-se quase impossível sair com os bebês para fora da sala, pois agora são apenas duas monitoras por período para 16 bebês, portanto as monitoras conseguem levá-los apenas ao solarium, que fica no mesmo ambiente

da sala, constatando a insatisfação da monitora por ficar muitas horas em um mesmo ambiente.

Em relação a pesquisa realizada na Itália com as educadoras de creche, aparecem dois fatores considerados mais insatisfatórios, que não foram citados por nenhuma monitora deste CEMEI, que são a organização diária do trabalho (turnos, horários e pressão dos ritmos) e as condições salariais.

A questão dos turnos e horários não foram citados por nossas entrevistadas como motivo de insatisfações, por coincidir esta pesquisa com a conquista da redução da jornada de trabalho, no qual todas estavam muito satisfeitas.

Uma monitora citou como insatisfação não conseguir desempenhar algumas vezes o seu trabalho como gostaria, assim também encontram-se muitas educadoras na Itália, insatisfeitas por não conseguirem realizar seu trabalho como desejam, ficando uma frustração entre a prática (o que conseguem realizar), e a intenção pedagógica (o que gostariam de realizar).

Apesar da Itália possuir a melhor rede pública de creches do mundo, podemos perceber que muitas dificuldades e insatisfações encontradas pelas pesquisadoras italianas, são encontradas também nesta pesquisa, uma delas já citada acima. O outro aspecto insatisfatório constatado pelas pesquisadoras italianas e que vão de encontro com esta pesquisa é a inadequação da relação numérica entre educadoras e crianças, ambas alegam que este fator leva a uma desqualificação do relacionamento e atendimento as crianças e a impossibilidade de relacionamentos individualizados e constantes.

Quando questionado, qual foi a maior dificuldade encontrada em toda sua experiência profissional, foram unânimes em afirmar que o relacionamento com a Prefeitura é entre todas as citadas acima a maior dificuldade destas profissionais.

Assim como na Itália, reclamam do enorme distanciamento entre a Administração Pública e os funcionários.

Nós nunca conseguimos nada com a Prefeitura, tudo é uma enorme burocracia.
(Entrevista – 07/05/04)

As monitoras ainda afirmam que todas as insatisfações citadas acima, como um espaço físico inadequado e o número de adultos por criança são decorrentes de uma Administração que não se preocupa com a Educação Infantil, principalmente com as crianças de 0 a 3 anos.

Outro aspecto de insatisfação que não podemos deixar de destacar é o relacionamento entre as monitoras e os pais, que ainda ocupa um lugar de conflitos tanto para as monitoras como para os pais.

De certa maneira, é lógico esperar que ocupar-se da mesma criança, a partir de posições e em contextos tão diferentes como a família e a creche, faz com que surjam dificuldades e conflitos. (Bonomi, 1998, p.164)

A insatisfação está na falta do reconhecimento e valorização profissional e a falta de colaboração dos pais.

Muitos pais acham que a gente é babá dos filhos deles e nem banho querem dar em casa. Deixam o filho de manhã, pega só 17:30 hs, já jantou, já está limpinho, é só chegar em casa e por para dormir. Cadê o contato dos pais com a criança? (Diário de campo – 23/04/04)

Segundo Bonomi (op.cit.), são muitos os motivos deste conflito, alguns explicitados por ele são o temor do juízo do outro, tanto o juízo que o pai fará da monitora, como o da monitora com o pai, no qual existe sempre uma desconfiança entre os dois; outro motivo é a perda da autoridade no status, tanto do pai como da monitora, ... *quando a criança frequenta a creche, cada diversidade no seu comportamento entre creche e casa é potencialmente objeto de confronto entre capacidade e competência dos pais e capacidade e competência da educadora* (p.166)

Há também o conflito emocional, é difícil para os pais aceitarem que eles não são os únicos objetos de desejo e de afetos da criança, e de certa forma

desconfiam que a criança fique muito bem e feliz na creche, fazendo com que as monitoras acreditem que estão sendo tratadas com desconfiança e desrespeitadas em sua profissão.

Freqüentemente encontra-se essa situação paradoxal no relacionamento entre educadora-pai-criança: o fato de que a criança estabeleça um relacionamento e se afeiçoe à educadora é considerado uma premissa para que o pai possa dar-lhe confiança: isso atenua os sentimentos de culpa e o temor de ter deixado a criança em não muito boas mãos, mas desencadeia freqüentemente o temor oposto: que a educadora se torne mais importante para a criança do que o pai. (Fraccon & Maschietto, apud Bondioli e Mantovani, 1998, p.171)

Mesmo que difícil, o objetivo para uma Educação Infantil que valorize a criança, é que pais e educadores estabeleçam uma relação de confiança e colaboração mútua, no qual a criança é o objeto comum deste relacionamento, lembrando que ... *na creche a experiência de crescimento não é somente da criança, mas é, ao mesmo tempo (...) uma experiência de crescimento dos adultos.* (Bonomi, op.cit., p.168)

A criança, os pais e os educadores são os três protagonistas da vida na creche, sendo assim

(...) tão indivisíveis na sua recíproca integração, e tão inseparáveis nas suas relações, que o bem estar e o desconforto de um dos três não é apenas correlacionado, mas interdependente do bem-estar ou do desconforto dos outros dois sujeitos. (...) a creche só pode se pensada como local de "relacionamento a três", onde a presença e o protagonismo das famílias é tão essencial quanto à

presença e o protagonismo das crianças e educadores. (Spaggiari, 1998, p.100)

Sobre os aspectos cansativos, são dois expressos por nossas entrevistadas: o cansaço físico, por trabalhar muitas horas com crianças pequenas, - foi lembrado principalmente os momentos de troca e banho - e o cansaço psicológico, pelo envolvimento e atenção constante que as crianças pequenas exigem.

As crianças exigem da gente uma atenção em tempo integral, não podemos ficar desatentas um minuto sequer. (Entrevista – 07/05/04)

Na pesquisa da Itália, estes aspectos foram igualmente constatados, tendo como principal aspecto cansativo a atenção constante.

Passar um dia de trabalho com crianças de menos de três anos implica de fato, a mobilização do adulto, de grandes energias, tanto físicas quanto mentais, porque se exige dele que se apresente à criança como uma pessoa “estruturante”, capaz de ajuda-la a enfrentar as emoções muito intensas e primitivas que caracterizam as primeiras fases da vida afetiva. (Ongari e Molina, op.cit., p.87)

Espero que com esta pesquisa os aspectos cansativos e as insatisfações destas profissionais, sejam objeto de reflexão, e que façam parte da discussão na formação de todas as profissionais da educação, e a partir desta possam contribuir também para a construção desta profissão e de suas identidades, e quem sabe transformar as insatisfações em satisfações, conforme conhecerem as teorias que são suportes de suas práticas e assim poderem projetar e executar suas ações.

Com muita alegria pude constatar em minha pesquisa que como veremos no próximo capítulo, os aspectos gratificantes se sobressaem aos aspectos

cansativos e as insatisfações, e que talvez por esse motivo a maioria está na mesma profissão há mais de vinte anos.

6. ... *E a delícia de ser o que é.*

Os aspectos gratificantes desta profissão

Nada melhor em uma pesquisa do que poder descrever e analisar os pontos positivos apontados pelas suas protagonistas.

Apesar do relacionamento com as crianças ser destacado no capítulo anterior como cansativo, foram unânimes em dizer que principalmente as trocas de carinho e atenção, é a maior satisfação em sua profissão.

O relacionamento do adulto com a criança traz o divertimento e um enriquecimento para o adulto, e não só isso, a criança representa o passado e o futuro; o passado traz para o adulto que brinca, que se deixa envolver pela criança, a criança que existiu e existe dentro de cada um. Para Siebert (1998):

O passado vem ao nosso encontro em cada criança é a cópia da própria infância, da sobrevivência da nossa vivência infantil em nosso inconsciente individual. (p.79)

A criança não representa somente o passado, mas o futuro, é nela que está depositada toda a esperança, *as crianças são uma fortaleza tangível contra a angústia da morte, são um possível testemunho da imortalidade da pessoa concreta e da espécie. (Siebert, op.cit., p.79)*

Na relação adulto/criança, o papel do adulto como destaca Musatti (1998), *é de um papel mais sutil, mas também mais complexo, de quem garante as relações harmoniosas entre as crianças e um ambiente no qual ele próprio é, ao mesmo tempo, protagonista e cenógrafo. (p.201)*

Do ponto de vista da criança o adulto é o primeiro brinquedo, o primeiro objeto que ela pode tentar dominar, o adulto compartilhando com esta brincadeira cria uma relação de confiança e de trocas de afetos.

A cumplicidade que se cria entre adulto e criança que brincam juntos não possui somente o efeito de oferecer à criança uma gama de possibilidades lúdicas posteriores (...), mas também permite ao

adulto a redescoberta de aspectos da sua infância perdida. (Bondioli, 1998, p.227)

Não podemos deixar de ressaltar que outro ponto de satisfação no relacionamento entre adulto e criança, é a observação e participação no crescimento das crianças, seja no amadurecimento das relações afetivas e emocionais, seja em relação a aspectos cognitivos; todas se orgulham muito em fazer parte da história dessas crianças.

O que me deixa muito feliz nesta profissão é ver que as crianças que chegam aqui bem pequenininhas e saem daqui grandes, aprenderam muita coisa com a gente. É bom saber que eu contribuí um pouco para seu crescimento. (Entrevista – 07/05/04)

O aspecto mais gratificante do meu trabalho é ver o desenvolvimento físico e motor das crianças, principalmente daquelas que apresentam alguma dificuldade. (Entrevista – 07/05/04)

Na pesquisa realizada na Itália também aparece como aspectos mais satisfatórios do trabalho, o relacionamento com as crianças pequenas, estes relacionamentos são relatados pelas educadoras italianas de formas diferentes, uma parte enfatizando mais o aspecto educativo (como também apresentou as entrevistadas acima), outras encontram a própria gratificação ao descobrir que o mundo infantil é maravilhoso (palavras da própria educadora italiana entrevistada) e há também aquelas que evidenciam mais o lado pessoal que o profissional “*estar em contato com as crianças me faz sentir bem*” (educadora italiana).

Relacionando com a nossa pesquisa três monitoras também evidenciaram o lado pessoal para explicar sua maior satisfação profissional:

Minha maior satisfação é ter realizado o sonho de trabalhar com crianças e receber das mesmas, carinho e atenção. (Entrevista – 07/05/04)

A maior alegria é receber um sorriso das crianças. (Entrevista – 07/05/04)

Trabalhar com seres humanos, principalmente com crianças que demonstram verdadeiramente o que sentem, é a minha maior satisfação. (Entrevista – 07/05/04)

Segundo Ongari e Molina (2003), o tecido emocional em que se tece a relação diária com os pequenos constitui o elemento central da possibilidade de estar satisfeito com o que se faz todos os dias (...). e, de ato, reconhecido e valorizado como componente mais significativo da profissão. (p.129)

7. Como será o amanhã, responda quem puder!

As expectativas dessas profissionais

Ver cada dia que todas as pessoas envolvidas nesta profissão se comprometam a melhorar cada vez mais, e que nunca desanimem, sabendo que o processo é longo, mas válido.
(Entrevista – 07/05/04)

Esta resposta de uma das monitoras, quanto a suas expectativas profissionais traduz bem, que o que se espera desta profissão é um trabalho em grupo de forma harmoniosa e que trabalhar com a educação é difícil, porém recompensador.

Um fator muito apontado como expectativa profissional foi a valorização e o reconhecimento destas profissionais, ou seja o reconhecimento externo e social:

A minha expectativa é que nós sejamos valorizadas profissionalmente pelos nossos políticos e comunidade. (Entrevista – 07/05/04)

Melhorar as condições de trabalho e que as pessoas valorizem nosso trabalho, entendendo que somos educadoras e não babás. (Entrevista – 07/05/04)

Estas falas mostram a grande insatisfação pelo reconhecimento externo, mas ao mesmo tempo uma expectativa que esta situação melhore, pois o trabalho de cuidar e educar crianças não se restringe aos muros da creche, mas se estende para o conjunto da sociedade.

A falta de reconhecimento externo também é considerado como um dos fatores mais relevantes na origem do sentimento de insatisfação no trabalho, entre as educadoras italianas. A hipótese apresentada pelas pesquisadoras italianas é que o trabalho diário com as crianças exige das educadoras grandes energias e capacidades, que não são consideradas como um instrumento de trabalho, ocasionando um cansaço psicológico, a perda do envolvimento pessoal e a necessidade profunda de

reconhecimento externo dos pais, da opinião pública e dos responsáveis administrativos.

Esta é uma hipótese válida também para as monitoras deste CEMEI, que muitas vezes encontram-se com sua auto-estima muito baixa, acreditam que todo seu esforço e dedicação ao trabalho não estão sendo reconhecidos, principalmente pelos pais.

Outras três monitoras que estudam, duas cursando Pedagogia e uma Normal Superior, disseram que a maior expectativa é tornarem-se professoras, pois acreditam que serão mais valorizadas, lembrando sempre que ser professora de crianças pequenas ainda é uma profissão que está sendo construída, pois é uma professora que não dá aulas e não tem alunos, portanto com um perfil diferente de professores do ensino fundamental.

Na pesquisa com as educadoras italianas, as expectativas foram tratadas sob um outro aspecto. As pesquisadoras italianas perguntaram as educadoras se o trabalho atual correspondia às expectativas iniciais da carreira.

Como resultado, encontraram que para a maioria das educadoras (57%) o trabalho atual correspondia muito às expectativas iniciais, para 23% correspondia totalmente e para 20% não correspondia.

As motivações para que as correspondências entre as expectativas e a realidade do trabalho fossem positivas ou não são destacadas pelas educadoras como: aspectos intrínsecos ao trabalho (as necessidades, os recursos, as opiniões, a imagem de si), o relacionamento com as crianças e os aspectos extrínsecos à profissão (condição profissional, qualidade do serviço, imagem externa da creche).

*8. Caminhando e cantando e
seguindo a canção...*

Considerações finais

*“Os amores na mente, as flores no chão
a certeza na frente, a história na mão
caminhando e cantando e seguindo a
canção
aprendendo e ensinando uma nova lição”*

Com certeza nesta pesquisa, aprendi muito mais uma nova lição do que ensinei, como descrevi no início do trabalho, esta pesquisa foi um processo muito difícil, principalmente na escolha de um tema, quando tantos outros se mostraram igualmente relevantes. A escolha pelo aprofundamento de um estudo sobre uma profissão em que as protagonistas se sentem tão desvalorizadas, foi especialmente escolhido para homenageá-las e agradecer-las, por serem elas as responsáveis pela minha inserção em um universo tão complexo e apaixonante que é a creche.

A carreira de monitora de creche, vem de muitas lutas, durante muitos anos, como foi destacado na introdução deste trabalho, uma destas lutas culminou neste ano com a vitória da redução da jornada de trabalho, que passou de 36 horas semanais para 32 horas, sendo 6 horas diárias com crianças. Como pude acompanhar de perto o processo de inserção desta nova jornada de trabalho, pude constatar a grande satisfação das monitoras e como o astral da creche melhorou, com as monitoras mais descansadas e com expectativas de participar de grupos de formação e muitas de voltar a estudar. Não podemos deixar de ressaltar que infelizmente houve um ponto negativo nesta vitória, que foi o aumento do módulo adulto/criança, sem qualquer aviso prévio ou discussão sobre essa mudança com a categoria, mudando conseqüentemente todo o planejamento da creche, assim como o modo de trabalhar com cada turma.

Fica aqui mais uma luta para as monitoras, para que elas consigam realizar um trabalho, onde o objetivo não esteja somente na sua valorização, mas também na valorização da criança, como um ser capaz de produzir cultura. Para que isto aconteça é necessário um ambiente favorável e uma formação adequada para esta nova profissão.

A transferência das creches do âmbito da assistência social para o da educação foi uma grande conquista, porém o atendimento integral das crianças ainda necessita de grandes transformações e incentivos, principalmente no que diz respeito à formação dos educadores que trabalham nesta etapa.

Para Mantovani e Perani (1980), para esta nova formação é necessário a definição de novos currículos de formação que contemplem instrumentos novos para produzir as necessárias modificações de atitude e de comportamento nos futuros educadores. Todos os instrumentos disponíveis devem ser utilizados: a informação, a pesquisa ativa da informação, a coleta de dados e de informações em um contexto real, o projeto e a realização de pesquisas simples, a observação direta do comportamento, a experiência do grupo para o estudo das vivências e das dinâmicas de relação. Estes instrumentos utilizados dentro de um projeto global, permitem não somente uma melhoria da qualidade da formação, mas são já uma concreta preparação à futura profissão. (p.87)

Esta pesquisa tem como um dos objetivos contribuir para esta formação, mostrando que a base necessária na formação universitária de um educador nos cursos de Pedagogia, não se realiza apenas com a filosofia e as ciências (Sociologia, Psicologia, História, etc), mas também com a Arte e a construção de uma Pedagogia das Relações.

“Pedagogia da relação” (...) se define em primeiro lugar, em contraposição a uma pedagogia que considera a creche uma versão miniaturizada da escola materna. Aderir a esta pedagogia significa dizer não a uma relação educadoras/crianças que não permite uma relação individualizada, e sobretudo, personalizada. Significa dizer não a atividades que mais se parecem com pequenas lições do que com brincadeiras de livre descoberta. Significa dizer não a uma organização demasiado rígida dos tempos, dos espaços, dos grupos infantis que pode enfraquecer a espontaneidade das relações. (Bondioli, 1998, p.29)

Esta pesquisa contribui para isso, trazendo uma reflexão a esta profissão através do olhar da própria monitora.

A questão da formação destas profissionais nesta perspectiva das diferenças e das relações é urgentíssima, como mostra os dados desta pesquisa, a maioria das monitoras não tem uma formação específica que dê conta das identidades que estão sendo construídas com esta nova profissão e nova pedagogia que também está sendo construída; a Pedagogia da Educação Infantil, onde o educar e o cuidar são indissociáveis e que o papel do adulto, do educador não é dar aulas, e sim organizar o tempo e o espaço, propiciando à criança a produção das culturas infantis.

Segundo Edwards (1999), o papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidades de descobertas, através de uma espécie de facilitação alerta e inspirada e de estimulação do diálogo, de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pela criança. (p.161)

A maioria das monitoras entrevistadas consideram a formação específica necessária para melhorar sua prática e a sua valorização profissional, esta visão da necessidade de se aperfeiçoar nos estudos é um grande avanço, já que algum tempo atrás, quando o cuidar prevalecia, muitas profissionais acreditavam que apenas a sua experiência como mãe, ou como babá, era suficiente para a realização do seu trabalho.

Esta experiência, chamada por Ongari e Molina, como “dupla presença”, pois é ao mesmo tempo mãe e educadora, é visto de uma forma bem tranquila pelas monitoras, todas acreditam que ser mãe ajudou bastante no começo da profissão, mas não consideram este o fator principal para ser uma boa educadora de creche, muitas disseram que foi um facilitador, mas que se não fossem mães aprenderiam no dia-a-dia, com as próprias crianças e com as colegas de trabalho.

As monitoras não se colocam mais como substitutas maternas, como faziam quando a creche pertencia a Secretaria de Promoção Social.

O papel da educadora com a criança é rico, mas diferente, feito para mediar outras experiências de conhecimento do ambiente, de jogo, da vida em grupo; enfim um relacionamento “quente”, porém mais cultural, ou seja, profissional. Neste sentido, a

educadora não é o substituto materno, mas um pólo externo à família, aliado e não rival dos pais.
(Mantovani e Terzi, 1998, p.180)

Esta imagem que as monitoras tem do seu papel e de sua identidade profissional, também mostra que a construção desta nova profissão, não está apenas na teoria e sim é possível se observar no dia-a-dia da creche.

Quanto ao tema principal da pesquisa “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é ...”; pude perceber o porquê deste tema ser tão pouco pesquisado. Estes aspectos estudados como as satisfações, insatisfações, cansaços e expectativas destas profissionais, são de caráter intrínseco desta profissão e portanto muitas vezes difíceis de se constatar apenas observando, sendo necessários longos diálogos entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa.

Apesar destes aspectos parecerem estar relacionados com o lado pessoal de cada monitora, as respostas quase sempre apontam para a mesma posição. Em relação a insatisfações, apontaram como causa principal o descaso da Administração Pública, e como consequência deste descaso, todas as outras insatisfações como: espaço físico apropriado e a quantidade de crianças por adulto. Outro aspecto apontado como insatisfatório é o relacionamento com os pais, um relacionamento de grandes conflitos e que ainda não conseguiram chegar a uma relação de confiança recíproca.

Segundo Bonomi (1998);

Mesmo que difícil, o objetivo que o nível de maturação da experiência nas creches permite hoje colocar-se é o de identificar e promover as condições para que entre educadores e pais, seja possível estabelecer uma aliança frente ao objetivo comum dos seus próprios cuidados: a criança (...) onde também a competência da criança pode expressar-se, exatamente porque não é ocultada pelo conflito e pela contenda dos adultos. (p.167)

O relacionamento com os pais é visto tanto como um aspecto de insatisfação, como de expectativa pelo reconhecimento externo.

A valorização profissional e o reconhecimento externo, através dos pais e Administração Pública são o ponto crucial para que estas profissionais continuem exercendo seu trabalho com motivação e dedicação.

Espero que esta pesquisa tenha conseguido mostrar a devida importância que esta profissão tem no contexto da creche e para a construção da Pedagogia da Educação Infantil e que contribua para a formação dos educadores que pretendem trabalhar com crianças pequenas e com todos que se preocupam com a infância.

Esta pesquisa não está concluída, apenas continuei a canção já cantada por outros pesquisadores e espero que outros continuem *seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição ...*

9. Bibliografia

Bibliografia

ÁVILA, Maria José Figueiredo. **As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e o educar**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, 2002.

BONDIOLI, Anna. A dimensão lúdica na criança de 0 a 3 anos e na creche. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.212-227.

BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.161-172.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do**. Site da internet

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96**. Brasília, 1996.

CAMPINAS. Secretaria Municipal de Educação. **Regimento Comum das Unidades Sócio-Educacionais de Educação Infantil**.1994.

CAMPINAS. **Conselho de Escola - Lei nº 6.662 de 10 de Outubro de 1991**.

CAMPINAS. **Lei Orgânica do Município de Campinas**. 1990.

CAMPINAS. **Diário Oficial do Município de Campinas**. 19/11/2002.

CAMPINAS. **Diário Oficial do Município de Campinas**. Nº 8403, Ano XXXIV. 31/03/2004.

CAMPINAS. **Diário Oficial do Município de Campinas**. Nº 8416, Ano XXXIV. 20/04/2004.

CAMPOS, Maria M. e ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios de atendimento para uma creche que respeite os direitos fundamentais da criança**. Brasília: MEC, 1995.

CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. Dissertação de Doutorado. S.P, Faculdade de Educação, USP, 1996.

EDWARDS, Carolyn. Parceiro, promotor e guia – os papéis dos professores de Reggio em ação. IN: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George.(Orgs.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999, p.159-176.

EMILIANE, Francesca e MOLINARI, Luisa. Os comportamentos parentais em relação à criança e à instituição. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.88-95.

FARIA, Ana Lúcia G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de e PALHARES, Marina S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 4ª edição, 2003, p. 67-99.

FERNANDES, Juliana de Andrade. **Da Promoção Social à Educação: um estudo de caso sobre a trajetória do espaço físico das creches em Campinas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Campinas, 2000.

FERREIRA, Anna Angélica Ramos . **Um breve histórico das Escolas Municipais de Educação Infantil e dos Centros Municipais de Educação Infantil do Município de Campinas (1940-1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Campinas, 1996.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia. Olhar-se. In: **Mulher e Servidora – Um estudo do perfil da mulher servidora pública municipal**. **Caderno de Estudos e Debates, Escola de Governo e Desenvolvimento do Servidor -EGDS** . Campinas, 2003.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Projeto e pesquisa: caminhos, procedimentos, armadilhas...In: LANG, Alice B. da S.G. (org). **Desafios da pesquisa em Ciências Sociais.Textos 8 - Série 2**. CERU/USP – Humanitas/ FFLCH/USP. 2001, p. 73-87.

INGROSSO, Marco. Serviços para a infância e para as famílias entre regulamentação e inovação. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.58-72.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Os Jardins de Infância e as Escolas Maternais de São Paulo no início da República. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.64, p.57-60, 1988.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, EPU, 1996.

MANTOVANI, Susanna e PERANI, Rita. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. **Pro-posições**. n. 28, p. 75-98, 1999.

MANTOVANI, Susanna e TERZI, Nice. A inserção. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.173-184.

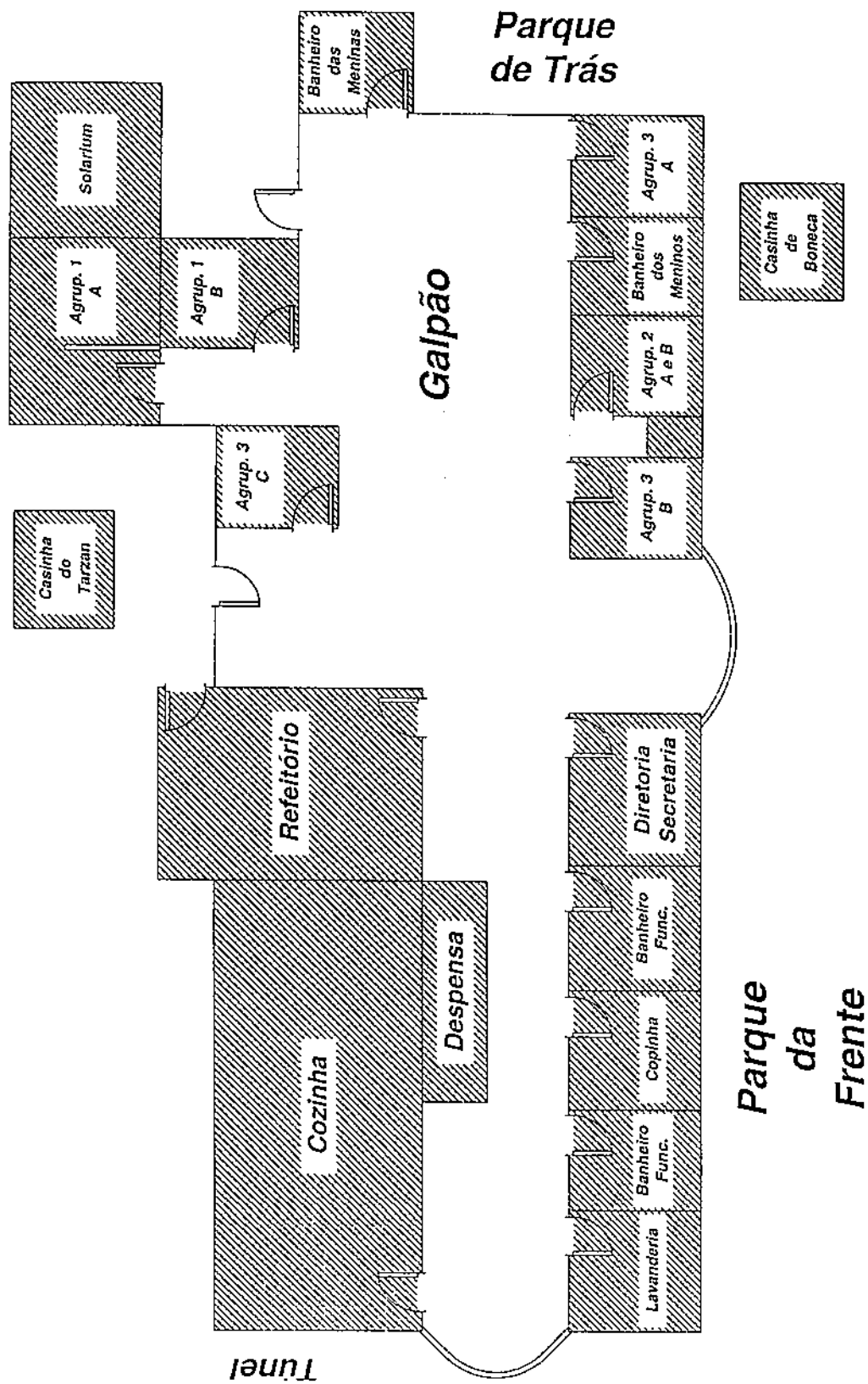
Mesa Redonda realizada pelo mandato do vereador Paulo Búfalo, em 13 de Março de 2003 no plenário da Câmara Municipal de Campinas. **Relatos e Experiências Municipais de Carreira de Monitores de Creche**.

MUSATTI, Tullia. Modalidades e problemas do processo de socialização entre crianças na creche. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, p.189-201.

NASCIMENTO, M. Evelyn. Os profissionais de educação infantil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: FARIA, Ana Lúcia e PALHARES, Marina (orgs). **Educação Infantil pós-LDB**. Campinas: Autores Associados, 4ª edição, 2003, p. 101-120.

10. Anexos

Anexo I: Planta do CEMEI "Matilde Azevedo Egídio Setúbal"



Anexo II: Quadro do Perfil das Monitoras.

Quadro I: Tempo de serviço na rede municipal de Campinas.

Nº de monitoras	Tempo de serviço
1	21 anos
8	20 anos
1	17 anos
2	16 anos
1	13 anos
3	2 anos

Quadro II: Tempo de serviço no CEMEI .

Nº de monitoras	Tempo de serviço no CEMEI
8	20 anos
1	14 anos
1	17 anos
1	16 anos
2	7 anos
3	2 anos

Quadro III: Número de filhos.

Nº de monitoras	Nº de filhos
7	2
5	3
3	1
1	Não tem filhos



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO TÉCNICO PEDAGÓGICO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

DIMENSIONAMENTO DO QUADRO DE PESSOAL DE APOIO

CEMEI - SERVENTES	
Até 80 crianças	02 serventes
De 80 a 200 crianças	03 serventes
Acima de 200 crianças	04 serventes

EMEI - SERVENTES	
Até 240 crianças	02 serventes
Acima de 240 crianças	A Estudar

CEMEI - COZINHEIRO E AJUDANTE DE COZINHEIRO			
Até 80 crianças	02 cozinheiros	ou	01 cozinheiro e 01 ajudante
De 80 a 200 crianças	03 cozinheiros	ou	02 cozinheiros e 01 ajudante
Acima de 200 crianças	04 cozinheiros	ou	02 cozinheiros e 02 ajudantes

EMEI - COZINHEIRO E AJUDANTE DE COZINHEIRO	
Até 240 crianças	01 cozinheiro + e 01 ajudante ✓
Acima de 240 crianças	A Estudar

CEMEI – MONITOR DE EDUCAÇÃO		
FAIXAS	CRIANCAS	MONITORES
B1	05	1
B2	07	1
M1	12	1
M2	15	1

Anexo IV: Roteiro de observação

Observar a relação monitora X monitora:

- ✓ Como as monitoras se relacionam entre si.
- ✓ Há algum tipo de hierarquia entre elas, devido a seu nível de escolaridade.
- ✓ Há um envolvimento afetivo entre elas.
- ✓ Há uma harmonia no grupo de trabalho.
- ✓ Quais os conflitos mais freqüentes em sua rotina de trabalho.

Monitora X Criança:

- ✓ Das concepções “educar” e “cuidar” qual predomina em sua prática. Como essas concepções são percebidas em suas ações.
- ✓ As monitoras criam condições para as crianças produzirem sua cultura infantil.
- ✓ Como acontece a relação afetiva monitora X criança.
- ✓ A relação entre elas é mais profissional ou maternal.
- ✓ Há diferença no tratamento entre as crianças (filho de funcionário, filho das mesmas, parentes).

Monitora X Pais:

- ✓ Os pais respeitam as monitoras como profissionais da educação, ou como alguém que está na creche simplesmente para cuidar do seu filho enquanto trabalham.
- ✓ Conversam a respeito da criança em todos os seus aspectos, ou simplesmente sobre o cuidado com a higiene, alimentação, sono, saúde.
- ✓ As monitoras respeitam os pais.

Monitora X Professora:

- ✓ Como é o relacionamento entre as monitoras e as professoras. Há alguma hierarquia.

- ✓ Se há conflitos, quais são e porque acontecem.
- ✓ Como as monitoras se vêem profissionalmente frente a um professor.

Monitora X Funcionários:

- ✓ Como é a relação com a direção. Quais os conflitos mais freqüentes. Qual o apoio da direção.
- ✓ Como é o relacionamento entre as monitoras, as agentes de apoio. (faxina), as cozinheiras e o guarda. Há alguma hierarquia.

Anexo V: Roteiro das entrevistas

1ª parte: História do CEMEI

Foram entrevistadas a administradora e as monitoras que estão na creche desde sua inauguração.

- ✓ Data da inauguração da creche.
- ✓ Motivo da construção da creche.

2ª parte: Histórico sobre a organização da creche quando pertencia a Secretaria da Promoção Social.

- ✓ Denominação do seu cargo.
- ✓ Escolaridade exigida.
- ✓ Quem e como era administrado o trabalho.
- ✓ Divisão e organização do trabalho.
- ✓ Estrutura da creche (horário, nº de crianças/adulto, divisão por turmas, critérios para matrículas).
- ✓ Atividades desenvolvidas com as crianças.
- ✓ Relacionamento com as colegas de trabalho, com as crianças e com os pais.
- ✓ Serviços oferecidos pela creche.
- ✓ Cursos de formação
- ✓ Pontos positivos da Promoção Social.
- ✓ Pontos negativos da Promoção Social.
- ✓ Como ocorreu a mudança para a Secretaria da Educação.
- ✓ Comparando os dois momentos, qual atendimento privilegia mais a criança e o profissional.

3ª parte: Quem são elas?

- ✓ Nome
- ✓ Idade
- ✓ Escolaridade
- ✓ Tempo de serviço na REDE e no CEMEI
- ✓ Falar sobre a experiência de ser mãe e educadora.

- ✓ Falar sobre a experiência de trabalhar junto com os netos.
- ✓ Importância da formação específica.
- ✓ Pretensão de continuar os estudos.
- ✓ Participação nos Grupos de Formação.
- ✓ Conhecimentos que utiliza para a sua prática.
- ✓ Planejamento, registro e avaliação da sua prática.
- ✓ Concepções educativas que permeiam sua prática.
- ✓ Relacionamento com as professoras.
- ✓ Concepção sobre as imagens profissionais: O que uma boa monitora deve saber fazer.

4ª parte: A imagem do trabalho.

- ✓ Aspectos gratificantes da sua prática.
- ✓ Aspectos cansativos.
- ✓ As insatisfações.
- ✓ As expectativas.

Anexo VI: Regimento Comum das Unidades Sócio-Educacionais (1994)

Art.22 – São atribuições do Monitor Infante – Juvenil I:

- I - Participar do processo de elaboração e implementação da Proposta Pedagógica na escola, comprometendo-se em realizar um trabalho coerente com os princípios do mesmo;
- II – co-responsabilizar-se pelo processo educacional, de acordo com os objetivos da Proposta Pedagógica;
- III – planejar seu trabalho de acordo com a Proposta Pedagógica, integrado com os demais segmentos da escola, elaborando um plano de atuação;
- IV – atuar diretamente com as crianças, cuidando e educando, levando em conta o desenvolvimento e os conhecimentos infantis, possibilitando a construção e aquisição de novos conhecimentos;
- V – desenvolver atividades de acordo com a especificidade de cada grupo de crianças, respeitando-as enquanto um ser global nos aspectos afetivos, físico, cognitivo e social;
- VI – ser responsável pela segurança, higiene, bem estar e repouso das crianças, interagindo com elas, respeitando o desenvolvimento e considerando sempre o processo de autonomia, das mesmas;
- VII – zelar pela conservação e higienização dos materiais de uso das crianças, considerando o processo de autonomia e participação das mesmas;
- VIII – participar dos momentos de refeição das crianças, orientando-as na formação de hábitos saudáveis, enfatizando a importância da degustação de todos os tipos de alimentos, levando em consideração a atividade metabólica da criança;
- IX – participar dos momentos de entrada e/ou saída das crianças;
- X – comunicar à direção da Escola qualquer problema ou irregularidade que haja em relação à criança;
- XI- fornecer dados informativos sobre a criança, que sejam significativos para a análise da ficha de acompanhamento da criança;
- XII – co-participar do desenvolvimento dos sub-projetos;
- XIII – colaborar com a equipe da escola para que haja um bom relacionamento e integração entre todos os envolvidos no processo educativo;
- XIV – colaborar com a equipe na substituição de outros monitores infante- juvenis, sempre que houver necessidade, mantendo o respeito mútuo entre os profissionais;

- XV – planejar e participar das reuniões com os pais e com a equipe de trabalho escolar;
- XVI – comparecer ao local de trabalho com assiduidade e pontualidade, realizando suas atribuições com eficiência, zelo e presteza;
- XVII – fornecer informações necessárias para a permanente atualização de seu prontuário;
- XVIII – participar do Conselho de Escola e Associação de Pais e Mestres, quando eleito para tal fim e acatar as decisões por eles tomadas;
- XIX – considerar os princípios de democratização ao acesso e permanência das crianças na escola, as diretrizes da Proposta Pedagógica da escola e da Secretaria Municipal de Educação;
- XX – cumprir integralmente a jornada de trabalho que lhe for atribuída.

Diário Oficial

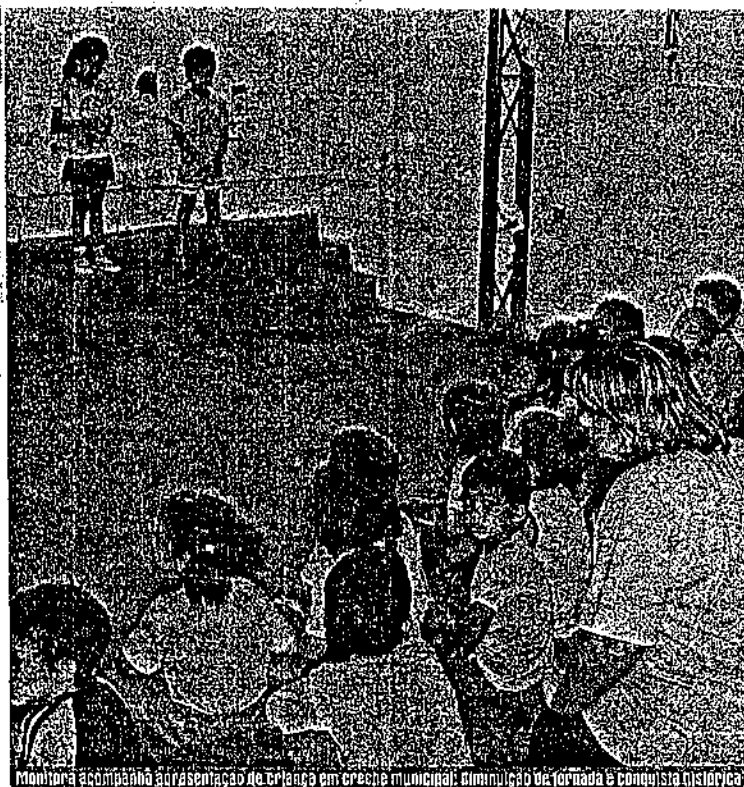
Governo acerta redução de jornada para monitores de educação infantil

Reivindicação é antiga e foi anunciada ontem pela Secretaria

VALÉRIA SALEK

Pelo menos 870 monitoras e monitores de educação infantil de 62 creches municipais de Campinas serão beneficiadas, a partir de 3 de maio, com a redução da jornada de trabalho de 36 para 32 horas semanais. O anúncio foi feito na manhã de ontem pela Secretária Municipal de Educação para mais de 80 monitoras e monitores que se reuniram na Academia Campinense de Letras. A conquista das servidoras e servidores não deverá implicar em redução no atendimento de crianças nas unidades municipais.

A redução de jornada é uma reivindicação histórica das monitoras, por se tratar de uma função considerada desgastante, que exige muita atenção e às vezes esforço para cuidar das crianças de zero a três anos. As Secretarias Municipais de Educação e de Recursos Humanos vão iniciar agora o processo de



Monitora acompanha a apresentação de criança em creche municipal; diminuição de jornada é conquista histórica

remanejamento das servidoras, de acordo com a situação funcional de cada uma.

Crêterios. De acordo com os critérios estabelecidos na reunião desta terça-

feira, só terão direito à redução da jornada as monitoras e monitores que estejam trabalhando com crianças. A Secretaria de Recursos Humanos chamou todas as servidoras afastadas por licença para a realiza-

ção de perícia médica, para conhecer o grau de limitação que impedisse o retorno ao trabalho.

Nos casos em que houve alta médica os servidores irão para as unidades onde houver quadro in-

completo e não necessariamente para o mesmo local de onde se afastaram antes da licença. Uma segunda situação será dos antigos efetivos com algum tipo de limitação para o trabalho e que serão redistribuídos para unidades que possuam crianças do agrupamento III, de quatro a seis anos, em período integral, onde se exige menos esforço físico.

O terceiro critério de remanejamento de monitoras será os casos de estágio probatório, período de três anos em que efetivados de concurso público ficam sob avaliação. A Secretaria de Recursos Humanos definirá junto com a Educação as unidades para onde serão encaminhados os servidores nesta condição, hoje cerca de 300.

Prazo. Até o dia 20 de abril, todos os remanejamentos deverão estar concluídos, e as unidades terão uma semana de prazo para que se reorganizem antes da implantação da jornada reduzida. Segundo a Secretaria de Recursos Humanos, dez a 12 cargos de monitor vagos por aposentadoria e morte serão preenchidos por concursados.

RESOLUÇÃO SME/SMRH N.º 02/2004

Estabelece normas para o trabalho e remanejamento, de ofício, de Monitores Infância Juvenil I junto às Unidades Educacionais.

A Secretária Municipal de Educação e o Secretário Municipal de Recursos Humanos, no uso de suas atribuições legais e,

CONSIDERANDO que o trabalho educativo realizado direta e cotidianamente com crianças demanda um esforço maior para o profissional;

CONSIDERANDO a importância e necessidade de garantir a formação continuada dos profissionais que atuam em sala de aula na educação infantil;

CONSIDERANDO a avaliação do projeto piloto de implementação de turnos de monitores infância juvenil I, que demonstrou melhores condições de trabalho para o profissional, concorrendo, desse modo, para a constituição de uma ação pedagógica de melhor qualidade; e ainda,

CONSIDERANDO os critérios estabelecidos na Resolução SME n.º 14/2003, publicada em 02/12/2003,

RESOLVEM:

Art. 1.º - O exercício da jornada de trabalho dos Monitores Infância Juvenil I, que atuam diretamente com crianças em sala de aula, dar-se-á semanalmente:

I - Em regime de turno de 6 (seis) horas diárias ininterruptas em sala de aula; e,

II - Adicionalmente, com duas horas semanais destinadas a atividades em formação continuada.

§ 1.º - Os monitores Infância Juvenil I, que não estejam atuando na condição prevista no *caput* deste artigo, não serão abrangidos pela regulamentação prevista nesta resolução.

§ 2.º - As férias dos servidores abrangidos por esta Resolução serão coletivas e terão seu período de gozo no mês de janeiro.

§ 3.º - As duas horas semanais destinadas à formação continuada poderão ser realizadas em grupos de estudos, grupos de trabalho, cursos e reuniões pedagógicas nas Unidades Educacionais, nos Núcleos de Ação Educativa Descentralizadas - NAED's e/ou em nível central.

§ 4.º - As duas horas de estudo de que trata o parágrafo anterior desta resolução não poderão ser realizadas de forma parcelada.

§ 5.º - A critério da equipe da Unidade Educacional, mediante planejamento e com aprovação do Núcleo de Ação Educativa Descentralizada - NAED, ou conforme proposta da Secretaria Municipal de Educação, estas duas horas de formação poderão ser agrupadas quinzenalmente.

§ 6.º - Os cursos realizados fora do âmbito da SME deverão ser prévia e expressamente autorizados pelo Departamento Pedagógico.

Art. 2.º - Os módulos de atendimento nas Unidades Educacionais serão assim organizados:

I - Doze crianças de três meses a um ano e quatro meses de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

II - Doze crianças de um ano e cinco meses a dois anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

III - Dezoito crianças de dois anos a três anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

IV - Dezoito crianças de três anos a quatro anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho;

V - Trinta crianças de quatro anos a seis anos de idade, por monitor, em cada turno de trabalho.

Art. 3.º - Visando o cumprimento dos artigos precedentes será realizado o remanejamento, de ofício, de monitores infância juvenil I que estiverem excedentes nas Unidades de Educação Infantil, de acordo com o Comunicado SME n.º 34/2004, que informa o número de monitores por Unidade, obedecendo-se as normas estabelecidas no *caput* do artigo 3.º, da Resolução SME n.º 14/2003.

§ 1.º - Os monitores excedentes serão remanejados apenas e exclusivamente para as Unidades Educacionais que estão com déficit de monitores.

§ 2.º - O remanejamento, de ofício, previsto no *caput* do presente artigo abrangerá os monitores em estágio probatório.

Art. 4.º - Os monitores que estiverem excedentes deverão preencher o modelo anexo (Ficha para Indicação de Unidade), indicando três locais (considerando apenas os locais com déficit) para o remanejamento de ofício, e entregar até o dia 22 de abril de 2004 às 18:00 horas.

§ 1.º - Os monitores lotados nas Unidades Educacionais deverão entregar a ficha para a sua Direção.

§ 2.º - Os monitores lotados nas NAED's deverão entregar a ficha para a sua Coordenadora.

§ 3.º - A Direção das Unidades Educacionais deverão entregar as listas de indicações à Coordenadoria Setorial de Gestão de Pessoas - CGP da SME, no dia 23 de abril de 2004, até às 12:00 horas.

§ 4.º - Todos os monitores lotados nas NAED's deverão fazer a sua indicação nos termos do *caput* deste artigo, e a Coordenadora do Núcleo fará o encaminhamento à Coordenadoria Setorial de Gestão de Pessoas - CGP da SME, até o dia 23 de abril de 2004, às 12:00 horas.

§ 5.º - Em caso de empate na preferência, deverão ser observadas as regras previstas no artigo 7.º, da Resolução SME n.º 14/2003.

Art. 5.º - Os monitores que se encontram afastados da sala de aula prestando serviços junto às EMEIs, EMEFs e demais órgãos da Secretaria Municipal de Educação deverão comparecer ao NAED de sua região para preencher a Ficha para Indicação de Unidades, até o dia 22 de abril de 2004 às 18:00 horas e comparecer para reassumir suas funções na Unidade designada a partir do dia 29 de abril de 2004.

Art. 6.º - Os monitores com limitações que só lhes permitam trabalhar com o agrupamento III somente poderão indicar Unidades Educacionais com agrupamento III em período integral.

Art. 7.º - As indicações de locais de remanejamento dos monitores serão utilizadas apenas como parâmetro, não caracterizando a obrigatoriedade do atendimento das opções.

Art. 8.º - O resultado do remanejamento de ofício será publicado no Diário Oficial do Município do dia 28 de abril de 2004.

Art. 9.º - Os monitores remanejados deverão assumir seu novo local de trabalho no dia 3 de maio de 2004.
Parágrafo único - Durante os dias 29 e 30 abril de 2004, a equipe de cada Unidade Educacional reorganizará o seu planejamento.

Art. 10 - Os casos omissos serão resolvidos, conjuntamente, pelos Secretários Municipais de Educação e de Recursos Humanos.

Art. 11 - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 19 de abril de 2004

CORINTA MARIA GRISOLIA GERALDI

Secretária Municipal de Educação

Anexo IX: Bibliografia sobre a profissão docente/gênero

Esta bibliografia foi obtida através da dissertação de mestrado de Ávila (2002).

Bibliografia italiana:

ARRIGONI, Maria Pia. Ruolo e funzione dell'educatrice. Um lavroo privilegiato. In: TERZI, Nice; CANTARELLI, Luisa; BERZIGA, Giulia; BATTAGLIOLI, Benedetta. **II nido compie 20 anni**. Parma, Edizione Junior, 1997, p.37-47.

COCEVER, Emanuela. Le donne e l'educazione: competenti in casa, fuori tutto da imparare? In: CIPOLLONE, Laura. **Bambini e Donne in Educazione**. 2ª Edição, Milão, 1992, p.137-153.

MANTOVANI, Susanna. Ruolo e funzione dell'educatrice. Uma Pedagogia Del benessere. In: **II nido compie 20 anni**. Parma, Edizione Junior, 1997, p.49-54.

ONGARI, Bárbara e MOLINA, Paola. **II mestiere di educatrice**. Um'indagine sulla professionalità degli operatori Del nido vista dall'interno. Bergamo, Edizione Junior, 1992.

Bibliografia brasileira:

CAMPOS, Maria M. Pré-escola: entre a educação e o assistencialismo. In: ROSEMBERG, Fúlvia. (org.). **Creche**. São Paulo, Cortez, p.11-19, 1989.

CAMPOS, Maria M. e HADDAD, Lenira. Educação Infantil: crescendo e aparecendo. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.80, p.11-20, 1992.

CAMPOS, Maria M. Educar e Cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: MEC/ SEF/ DPE/ COEDI. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília, 1994, p.32-42.

CAMPOS, Maria M. A mulher, a criança e seus direitos. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.106, p.117-127, março, 1999.00

CAMPOS, Maria M. A formação de professores para crianças de zero a dez anos: modelos em debate. **Educação e Sociedade**. Campinas, n.68, p.126-142, 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade das profissionais de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional**. Tese de doutorado, USP, 1996.

_____. **Educadoras de creche: entre o feminino e o profissional**. Trabalho apresentado na ANPED, Caxambu - MG, p.1-12, 1997. Mimeografado.

_____. Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil? **Perspectiva**. Florianópolis, n.22, Nº Especial, p.11-22, jul/dez, 1999.

_____. Dinâmicas das relações entre profissionais de Educação Infantil. **Perspectiva**. Florianópolis, n.22. Nº Especial, p.109-137, jul/dez, 1999.

HIPÓLITO, Álvaro L. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, Papirus, 1997.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Editora vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Editora UNESP & Editora Contexto, 1997, p.443-481.

_____. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, Denice B.; BUENO Belmira O.; SOUSA, Cynthia. E SOUZA, Maria Cecília C. C. **Docência, memória e gênero-Estudos sobre formação**. São Paulo, Escrituras Editora, 1997, p.75-84.

ROSEMBERG, Fúlvia. **A educação da mulher no Brasil**. São Paulo, Editora Global, 1982.

_____. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.51, p.91-103, 1984.

ROSEMBERG, Fúlvia; PIZA, Edith P.; MONTENEGRO, Thereza. **Mulher e Educação Formal no Brasil: estado da arte e bibliografia**. Brasília: INEP, REDUC, 1990.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.96, p.58-65, 1996.

_____. **Educação, gênero e raça**. Trabalho apresentado no Encontro da Latin American Studies Association de 1997. Guadalajara, abril 1997. Mimeografado.

ROSEMBERG, Fúlvia e AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.80, p.72-84, 1992.

